

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

KEVIN PACHECO

Da homofobia ao amor romântico:
uma análise sobre a construção do relacionamento gay entre Adam e Eric em
Sex Education.

Porto Alegre
2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

KEVIN PACHECO

Da homofobia ao amor romântico:

uma análise sobre a construção do relacionamento gay entre Adam e Eric em
Sex Education.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Wottrich.

Porto Alegre
2021

KEVIN PACHECO

Da homofobia ao amor romântico:

uma análise sobre a construção do relacionamento gay entre Adam e Eric em
Sex Education.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Publicidade e Propaganda.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Laura Wottrich
Orientadora

Prof. Dr. André Iribure Rodrigues
Examinador

Prof. Dr. Guilherme Barbacovi Libardi
Examinador

*Aos estudantes LGBTQIAP+ periféricos que ocupam a universidade pública com
muita resiliência e amor.*

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo e dedicando este trabalho aos meus avós, Apolinário e Lélia. Obrigado por terem plantado a semente da curiosidade em mim. Esta pesquisa nada seria sem curiosidade, por isso estampo com orgulho o sobrenome de vocês lá na primeira página. Vô, espero que esteja compartilhando esse momento comigo, independente de onde tu estiver.

Agradeço muito a minha mãe por ter me apoiado em todas as minhas empreitadas, desde a entrada na UFRGS até tantas outras maluquices que eu já vivenciei. Obrigado pelo suporte e incentivo, o teu afeto e apoio foram (e são) fundamentais em todas as minhas conquistas. Agradeço também ao meu irmão, Lucas, que me deu um suporte incrível em todo o processo.

Dedico também, e principalmente, aos meus amigos que estiveram ao meu lado todo esse tempo, ouvindo e me ensinando muito. Obrigado Débora, Ana, Bianca, Patrícia, Gabi, Xandy, Raissa, Jeff, Andrielle, Eduarda, Giovanna por me acompanharem nesse processo de TCC e estarem sempre dispostos a me escutar, a nossa amizade é para vida toda. Agradeço especialmente a Débora pelas trocas e companhia diária que tivemos nesses últimos tempos, com certeza eu não teria força para fazer o TCC se não fosse por ti. Obrigado Ana pelas mensagens de amor, e por estar sempre disposta a me ouvir e me ajudar, tanto no que se refere ao TCC quanto ao que estava para além dele. Bianca, com certeza a gente é uma dupla para toda a vida, por isso eu agradeço demais por ter te encontrado: amiga tu fez e faz toda a diferença na minha vida acadêmica, profissional e pessoal. E Patrícia, obrigado por ter me acompanhado tão de pertinho, opinando, lendo, discutindo todas as minhas ideias e anseios que rodearam o meu percurso. Nunca vou esquecer o tempo que todos os meus amigos dedicaram e serei eternamente grato. Parafraseando o grande Emicida: *“Quem tem um amigo tem tudo”* (e eu posso provar!).

Agradeço as políticas afirmativas de cotas por abrirem as portas da universidade pública e federal para um estudante pobre e periférico da cidade. Agradeço a UFRGS, mas principalmente a FABICO e todos os seus docentes e profissionais que muito me ensinaram sobre comunicação e publicidade, mas mais do que isso sobre sociedade, cultura e política. Aqui, faço um destaque especial para a Laura que me orientou, e me inspira enquanto professora, publicitária, mas

principalmente enquanto pessoa. Obrigado por me guiar nesse caminho tortuoso, tu é a prova de que é possível sim fazer uma publicidade e comunicação que importa e transforma. Eu tenho certeza que vou ser um profissional muito melhor por causa das nossas trocas, pois os questionamentos que tu instigou em mim são para sempre.

Por fim, agradeço aos LGBTQIAP+ que passaram pelo meu caminho e que de alguma forma colaboraram para eu estar aqui hoje. Este trabalho é o resultado de todes nós!

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes

Que nem devia tá aqui

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?

Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência

É roubar o pouco de bom que vivi

Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes

É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir

Emicida, Majur e Pablio Vittar

RESUMO

Esta pesquisa investiga: como *Sex Education* constrói a representação midiática dos relacionamentos gays juvenis? O objetivo geral do estudo é analisar como a representação do relacionamento gay entre Adam e Eric é construída a partir das suas performatividades na série. Os objetivos específicos são: identificar as cenas em que aparecem as sexualidades dos personagens através do relacionamento; identificar as dimensões da performatividade através da análise do relacionamento dos personagens; e discutir como essas representações são construídas para entender se exercem padronizações e estereótipos. Para tanto, a pesquisa tem um cunho qualitativo utilizando as técnicas de pesquisa documental e análise de imagem em movimento. No aporte teórico, partimos dos Estudos Culturais para abordarmos a representação e identidade com base em Stuart Hall (2016). Para investigar os conceitos de performatividade de gênero e sexualidade, utilizamos Judith Butler (2013) e Guacira Louro (2018). Para entender como o relacionamento foi construído, acionamos o conceito de amor romântico com base em Maria Thereza Toledo (2013) e Ana Sofia Antunes das Neves (2007). Analisamos as três primeiras temporadas da série, a partir de três categorias diferentes: a descoberta e vivência da sexualidade através do relacionamento gay; a trajetória da agressão ao amor romântico no relacionamento gay e as práticas sexuais no relacionamento gay. Examinamos 19 cenas que se dividiram entre as categorias e os seus diálogos foram transcritos para análise. O resultado da pesquisa mostrou a heteronormatividade incidindo na construção da performatividade de cada membro do casal, sendo reforçada a ideia de amor romântico a partir dos papéis de gênero que cada personagem ocupa dentro do relacionamento. Entretanto, percebemos quebras de representações hegemônicas no que se refere às práticas sexuais do casal, ao mesmo tempo em que destacamos o potencial de estereotipagem e invisibilidade com relação às sexualidades particulares de cada personagem.

Palavras-chave: homossexualidades, representações, séries, relacionamentos, *Sex Education*.

ABSTRACT

This research investigates: how Sex Education constructs the media representation of gay youth relationships? The general objective of the study is to analyze how the representation of the gay relationship between Adam and Eric is built from their performativities in the series. The specific objectives are: to identify the scenes in which the characters' sexualities appear through the relationship; to identify the dimensions of performativity through the analysis of the characters' relationship; and discuss how these representations are constructed to understand if they exercise standardizations and stereotypes. Therefore, the research has a qualitative nature using the techniques of documentary research and analysis of moving images. In terms of theoretical contribution, we started with Cultural Studies to approach representation and identity based on Stuart Hall (2016). To investigate the concepts of gender performativity and sexuality, we used Judith Butler (2013) and Guacira Louro (2018). To understand how the relationship was built, we activated the concept of romantic love based on Maria Thereza Toledo (2013) and Ana Sofia Antunes da Neves (2007). We analyzed the first three seasons of the series, from three different categories: the discovery and experience of sexuality through gay relationships; the trajectory of aggression to romantic love in gay relationships and sexual practices in gay relationships. We examined 19 scenes that were divided into categories and their dialogues were transcribed for analysis. The result of the research showed the heteronormativity influencing the construction of the performativity of each member of the couple, reinforcing the idea of romantic love from the gender roles that each character occupies within the relationship. However, we noticed breaks in hegemonic representations with regard to the couple's sexual practices, while highlighting the potential for stereotyping and invisibility in relation to the particular sexualities of each character.

Keywords: homosexuality; representation; series; relationships; Sex Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Circuito da Cultura.....	19
Figura 2 - Parte do Elenco de <i>Sex Education</i>	41
Figura 3 - Adam e Eric.....	42
Figura 4 - Cena 3.....	52
Figura 5 - Cena 6.....	53
Figura 6 - Cena 10.....	55
Figura 7 - Cena 1.....	57
Figura 8 - Cena 11.....	58
Figura 9 - Cena 15.....	60
Figura 10 - Categorias em interação.....	63

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Objetivos e Procedimentos.....	45
Quadro 2 - Corpus.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA MUDIÁTICA.....	17
2.1 Representações sociais: teorias e diálogos.....	17
2.2 Representação da alteridade: o “outro” na tela.....	21
2.3 Representação e identidade: uma articulação cultural.....	24
3 HOMOSSEXUALIDADES E O AMOR.....	28
3.1 Sexualidade e gênero: uma construção social e histórica.....	28
3.2 A homossexualidade pelo viés das relações amorosas.....	33
3.3 <i>Sex Education</i> e as relações homossexuais.....	37
4 DESVENDANDO O RELACIONAMENTO GAY.....	44
4.1 Procedimentos metodológicos.....	44
4.2 Análise.....	46
4.3 Corpus da pesquisa.....	46
4.4 A descoberta e vivência da sexualidade através do relacionamento gay.....	51
4.5 A trajetória da agressão até o amor romântico no relacionamento gay.....	56
4.6 As práticas sexuais no relacionamento gay.....	60
4.7 Adam e Eric: a interação entre todas as esferas do relacionamento.....	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	68

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma análise sobre a representação midiática de um relacionamento gay¹ juvenil na série *Sex Education*. Há bastante tempo², a representação midiática de pessoas com gêneros e sexualidades marginalizadas suscita debates profundos tanto no meio acadêmico quanto fora dele. De acordo com uma pesquisa realizada em maio de 2020 pela empresa NetQuest³, 87% do público brasileiro LGBTQIAP+⁴ diz que as representações atuais dos filmes e séries são mais precisas com a realidade do que as retratadas nos anos anteriores. Esse dado pode estar relacionado com o aumento de produções que tematizam a vivência das sexualidades não normativas, a partir de uma demanda por visibilidade que esses sujeitos reivindicam socialmente, pois querem ter seus corpos, desejos e amores representados nas telas e produtos que consomem.

Por outro lado, se olharmos para a representatividade em outros espaços, como na publicidade, o cenário não é muito positivo, já que segundo o levantamento da *Getty Images*⁵ de 2021, apenas 20% dos entrevistados globais veem pessoas LGBTQIAP+ representadas em imagens publicitárias, e quando veem são representações estereotipadas. Logo, será que avançamos com relação a essas representações? E se sim, quais são os acertos e erros das representações midiáticas já que estão mais reais, ao mesmo tempo em que fazem a manutenção de estereótipos?

É neste contexto de discussão sobre as representações que ganha espaço a Netflix, uma plataforma de alcance internacional e uma das protagonistas do que

¹ Para a pesquisa, decidimos utilizar o termo “relacionamento gay”, por entender que ele abrange tanto o afeto, quanto às práticas sexuais que constituem a relação do casal. Além disso, o termo “gay” é utilizado, pois o relacionamento é entre dois homens, independente da orientação sexual de cada sujeito.

² Segundo a pesquisa de Tomazzetti (2020), a primeira dissertação que tratava das questões de gênero enquanto foco de pesquisa ocorreu em 1977. No entanto, é apenas a partir de 2010 que o número de pesquisas relacionadas a gênero e sexualidades de LGBTs ganha mais destaque no meio acadêmico, tendo o seu ápice em 2015.

³ A NetQuest é uma empresa privada que oferece serviços de estudos de mercado para outras empresas. A pesquisa foi divulgada no site de notícias Estadão em junho de 2020. Disponível em <<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,pesquisa-mostra-opinioes-no-brasil-sobre-a-representacao-lgbt-em-series-e-filmes,70003330887>> Acesso em: 10 de novembro de 2020.

⁴ Sigla que refere-se a “Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, Queer, Intersex, Assexuais e Pansexuais” e o + serve para englobar outras pessoas da comunidade.

⁵ A Getty Images é uma empresa internacional e privada que oferece serviços de banco de imagens para peças e anúncios publicitários. A pesquisa foi divulgada no site Meio e Mensagem em junho de 2021. Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/comunicacao/2021/06/28/comunidade-lgbtqia-tem-baixa-representatividade-na-midia-e-publicidade.html>> Acesso em: 21 de novembro de 2021.

Silva (2014) chama de “cultura das séries”. Sendo assim, a empresa de *streaming*⁶ oferece um vasto catálogo de produtos midiáticos focados na população LGBTQIAP+, trazendo representações sobre as sexualidades e vivências desses sujeitos. Algumas séries da plataforma que abordam a temática e podem ser citadas a nível de contextualização são *Orange is The New Black*, *13 Reasons Why*, *Sense8*, *Grace and Frankie*, *Elite* dentre muitas outras produções que representam sexualidades e gêneros não normativos.

Para além das representações de pessoas LGBTQIAP+ durante a vida adulta, a Netflix também iniciou o lançamento de produções que retratam esses sujeitos na sua juventude e inclusive em um contexto escolar. É nesse cenário que a série *Sex Education*⁷ (2019-) ganha destaque por contar histórias de jovens adolescentes que estão se descobrindo sexualmente. Produzida para um público jovem, a série é ambientada no Reino Unido, possui três temporadas e representa a realidade de estudantes gays, lésbicas, bissexuais e não binários. Portanto, a produção se mostra vanguardista e progressista no que se refere a temática e abordagem, pois utiliza uma forma inovadora e interessante para comunicar a educação sexual na escola e a descoberta/vivência das sexualidades no contexto de uma juventude contemporânea⁸.

No momento em que fazemos um paralelo sobre a representação da sexualidade de jovens e a educação sexual escolar no Brasil, percebemos que falar sobre esse tema é uma questão extremamente complexa no país, frente aos acontecimentos políticos e sociais que pressionam e oprimem as diferentes expressões sexuais nesse espaço. Em 2020, o Ministério da Saúde do governo Bolsonaro queria incentivar a abstinência sexual dos adolescentes ao invés de

⁶ Forma de distribuição de conteúdo através da internet, que permite que os usuários consumam produtos audiovisuais de qualquer lugar e a qualquer momento.

⁷ A série foi criada e escrita pela roteirista australiana Laurie Nunn. Gravada em diferentes pontos do País de Gales, a autora disse em entrevista para o site LADBible que a série brinca com elementos temporais quando mistura a tecnologia atual com roupas e outros objetos de anos 80. Sendo assim, Nunn destaca que a série exibe um cenário e narrativa ficcional e surreal que representa quase uma utopia adolescente. Apesar de ser ambientada no Reino Unido, a série também carrega muitas referências visuais estadunidenses, como roupas e estética, pois a autora quis dar um ponto de vista mais positivo e americano, ao invés da percepção inglesa rígida e séria. Portanto, a série possui uma grande influência dos Estados Unidos na sua criação e produção. Entrevista disponível em: <<https://www.ladbible.com/entertainment/tv-and-film/sex-education-creators-on-why-the-show-looks-like-its-set-in-80s-usa-20200123>>. Acesso em: 24 de novembro de 2021.

⁸ No capítulo 3, iremos contextualizar a série e explicar em detalhes o objeto empírico a ser analisado.

trabalhar com a educação sexual nas escolas⁹. Isso é um reflexo de uma noção arcaica que parte da população tem com relação às sexualidades dos adolescentes, por isso o país está estagnado no que se refere ao ensino que pauta a sexualidade e a sua pluralidade.

A pesquisadora Mary Neide Figueiró¹⁰, que estuda a educação sexual, disse em uma entrevista para o site Nova Escola¹¹ que “[...] não há, provavelmente, no país, mais de 20% de escolas públicas em que a educação sexual aconteça” (FIGUEIRÓ, 2019). A falta de conhecimento por parte dos jovens, acaba produzindo discriminação e preconceito com relação aos adolescentes com sexualidades e gêneros não normativos e hegemônicos, pois de acordo com a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (ABGLT), 58% dos estudantes LGBTQIAP+ afirmaram já terem faltado aulas por causa de agressões sofridas em decorrência das suas orientações sexuais¹².

No meio de tantas controvérsias políticas e sociais, os produtos culturais e midiáticos possuem um papel importante na hora de representar a realidade e as potencialidades dos adolescentes no que se refere às suas sexualidades e vivências (HALL, 2016). Sendo assim, *Sex Education* instiga o debate brasileiro por ser um produto midiático que se opõe ao posicionamento político institucional do país, já que trata a sexualidade e o sexo enquanto elementos que fazem parte da vida dos adolescentes. Além disso, a série acaba servindo de referência para os jovens, pois oferece um conhecimento que é negado no ambiente escolar tradicional, mas que é fundamental para a construção da identidade sexual desses sujeitos, agindo de forma direta na percepção que essas pessoas terão sobre as suas próprias sexualidades e corpos.

Quando falamos sobre a representação da sexualidade juvenil, precisamos entender que tal representação é composta por muitas esferas, desde uma esfera

⁹ Informação retirada da matéria jornalística do Site Hypheness. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2020/01/brasil-deveria-incentivar-educacao-sexual-nao-abstinencia/>> Acesso em 22 de outubro de 2021.

¹⁰ Doutora em educação e psicologia e professora titular sênior na Universidade Estadual de Londrina - UEL.

¹¹ Entrevista realizada para o site Nova Escola em fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/15749/educacao-sexual-nas-escolas-e-menor-do-que-imaginamos>> Acesso em: 14 de novembro de 2020.

¹² Dado retirado de uma reportagem do Estadão publicada em 02 de setembro de 2021. Disponível em <<https://www.estadao.com.br/infograficos/educacao,educacao-sexual-nas-escolas-tema-e-ainda-e-pouco-abordado,1190310>> Acesso em: 21 de novembro de 2021.

particular que dá conta das demandas e necessidades do próprio indivíduo, até as esferas de interação, onde esses sujeitos se relacionam com outros e produzem uma identidade sexual (SILVA, 2014). É nessa esfera de relacionamento que a minha pesquisa decide focar, já que a sexualidade também é vivida a partir das trocas amorosas com outros sujeitos. Portanto, o problema que norteia a minha pesquisa é: como *Sex Education* constrói a representação midiática dos relacionamentos gays juvenis?

Para responder a este problema, definimos um objetivo geral: analisar como a representação do relacionamento gay entre Adam e Eric é construída a partir das suas performatividades na série. Para isso, trouxemos três objetivos específicos: 1) identificar as cenas que apresentam as sexualidades dos personagens através do seu relacionamento; 2) identificar as dimensões da performatividade através da análise do relacionamento dos personagens; e 3) discutir como essas representações são construídas para entender se exercem padronizações e estereótipos.

Para a pesquisa, adotamos o prisma dos Estudos Culturais, levando em consideração a ideia de construção social presente nesse campo. Escosteguy (2014) afirma que os Estudos Culturais surgiram para dar conta de uma abordagem interdisciplinar que reúne teorias e metodologias que possam analisar “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais...” (ESCOSTEGUY, 2014, p.90).

Tomaz Tadeu (2014) explica que os Estudos Culturais percebem a cultura enquanto campo de luta em torno da significação social. Sendo assim, entende-se que esse campo de pesquisa está atento às conexões entre cultura, significação, identidade e poder. Sempre partindo da convicção de que os processos culturais estão atrelados às diferenças entre classes, sexualidades, gênero, raça e idade. Nessa perspectiva, escolhemos os autores (as) filiados (as) a esse campo, entendendo que a narrativa sobre a sociedade é construída a partir da cultura e da história, utilizando símbolos, imagens e formas codificadas e emitidas pela mídia.

O tema que norteia o nosso trabalho me atravessa de forma muito particular, pois enquanto um sujeito que pertence a comunidade LGBTQIAP+, é muito importante que eu problematize e entenda a forma que as produtos midiáticos representam os relacionamentos que eu vivencio ou já vivenciei. Além disso, como outros autores já destacaram em pesquisas anteriores, as representações de

sexualidades não normativas podem perpetuar estereótipos, assim como assinala Silveira (2019) em sua análise sobre a representação da bissexualidade em *Orange is The New Black*, produto midiático da própria Netflix. Outro ponto importante é que no estado da arte¹³ não foram encontradas pesquisas que tivessem *Sex Education* enquanto temática acadêmica. Além disso, a maior parte dos trabalhos encontrados sobre representações de pessoas LGBTQIAP+ tinham como foco as representações de personagens adultos. Por conta disso, a nossa pesquisa se mostra interessante por fortalecer o referencial sobre a representação de um casal gay em uma série internacional, e que está vivendo o período da adolescência.

No próximo capítulo trazemos o conceito de representação a partir de Hall (2016) e Moscovici (2000), além de abordarmos a manutenção de estereótipos a partir da representação em produtos midiáticos, e a articulação cultural entre representação e identidade. No terceiro capítulo, abordamos os conceitos de gênero e sexualidade com base em Louro (2018), Butler (2013) e Weeks (2018) para entender como ocorre a construção cultural e social desses marcadores. Trazemos também os conceitos de amor romântico através de Toledo (2013) e Neves (2007) para problematizar a construção de relacionamentos retratados nas séries e demais produções, e por fim apresentamos a relevância que a Netflix e a série *Sex Education* têm para o estudo, contextualizando os personagens que são o objeto empírico da pesquisa. No quarto capítulo, explicamos a metodologia adotada pelo trabalho, e descrevemos o corpus da pesquisa que conta com 19 cenas, o analisando a partir do referencial teórico e utilizando as categorias criadas para analisar as representações propostas na série. Por fim, trazemos as considerações finais do trabalho com as conclusões e adendos sobre a pesquisa.

¹³ Pesquisas realizadas nos repositórios digitais da Capes, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, UFRGS, PUCRS, UNISINOS e Anais do Intercom. Os termos pesquisados foram “representação LGBTQs”, “série”, “ficção seriada” e “*Sex Education*”.

2 REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA MIDIÁTICA

Neste capítulo, trazemos os conceitos de representações sob a ótica dos Estudos Culturais e da Psicologia Social. Para isso, utilizaremos como suporte Hall (2016) e Moscovici (2000) para os conceitos, entendendo as representações enquanto maneiras de construir o mundo através das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação. Nesse sentido, focaremos na representação midiática das homossexualidades na série de TV escolhida.

2.1. Representações Sociais: teorias e diálogos

França (2004) propõe que as representações sociais estão ligadas a contextos históricos e reflexões da própria sociedade, sendo assim podem tanto refletir o que acontece no cotidiano das pessoas, quanto condicionar e cristalizar comportamentos de grupos e comunidades. Para a autora, as representações “[...] têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de percepção e afecção) - e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações” (FRANÇA, 2004, p.19). Portanto, as representações possuem um papel importante na construção da nossa realidade e da própria identidade dos sujeitos dentro de uma sociedade, Duveen concorda dizendo que “[...] as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem a realidade de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (DUVEEN, 2000, p.8). A partir dessas perspectivas, é possível entender as representações enquanto construídas coletivamente e que pretendem dar sentido à imagens e/ou ideias compartilhadas socialmente.

Moscovici (2000) traz as representações sociais enquanto formas de comunicar e compreender aquilo que já conhecemos, pois “a representação iguala toda a imagem a uma ideia e toda a ideia a uma imagem” (MOSCOVICI, 2000, p.46). Em síntese, para ambos os autores a representação é um fenômeno essencial para a comunicação e é a partir dela que conseguimos traduzir sentimentos, ideais, discursos e até identidades.

No processo de construção das representações, é necessário utilizar mecanismos que sejam capazes de dar sentido ao objeto ou sujeito. Moscovici

(2000) traz a *ancoragem* e a *objetivação* como as duas atividades essenciais utilizadas para dar concretude e significado a aquilo que parece ainda muito abstrato, por exemplo a sexualidade. Ambos os mecanismos ajudam a construir um protótipo do que seria a representação de um determinado sujeito, sendo assim: “quando classificamos uma pessoa marxista, diabo marinho ou leitor do *The Times*, nós o confinamos a um conjunto de limites linguísticos, espaciais e comportamentais e a certos hábitos” (MOSCOVICI, 2000, p.63). Tendo isso em mente, poderíamos entender a imagem de um homossexual também como um protótipo construído dentro de um processo de representação, que possui uma categoria específica com características convencionadas pela sociedade. No entanto, essa representação pode sofrer mudanças ao longo do tempo, pois:

Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2000, p.41).

Além disso, as representações de homossexuais também podem condicionar a forma como pensamos e interpretamos o mundo:

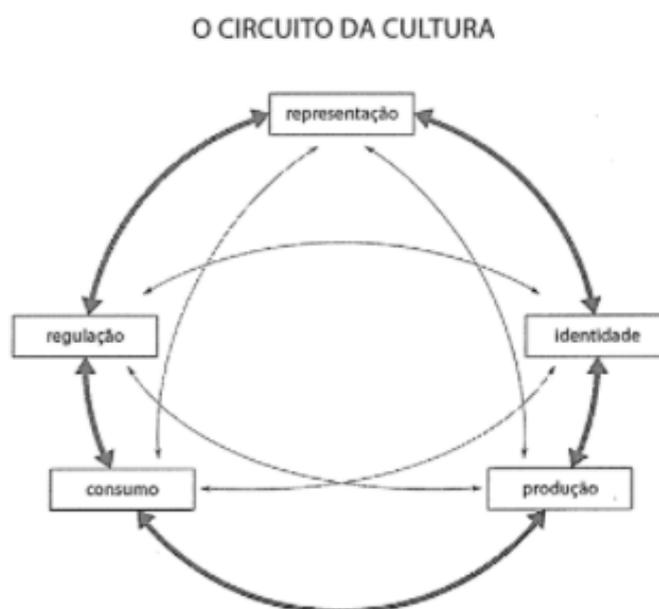
Nenhuma mente está livre dos efeitos e condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. Nós vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nós permanecemos inconscientes dessas convenções (MOSCOVICI, 2000, p.35).

Stuart Hall (2016) possui um ponto de vista construtivista com relação às representações midiáticas. O autor parte da premissa de que as imagens que vemos em revistas, jornais e televisão são construídas socialmente a partir do marcador cultural. Nesse contexto, a representação é uma parte importante do *circuito da cultura*, que é definido pela inter-relação entre cinco processos culturais diferentes: representação, regulação, consumo, produção e identidade (HALL, 2016). É a partir da interação entre essas fases que o pensador diz que a cultura de uma sociedade é produzida e interpretada. Por isso, a representação nesse circuito tem o papel essencial de dar sentido àquilo que está sendo partilhado e comunicado entre os membros de uma comunidade.

Por outro lado, para que as representações sejam partilhadas, é necessária a utilização de um “*sistema representacional*”, como a linguagem. Hall afirma: “na

linguagem, fazemos o uso de signos e símbolos - sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas músicas e até objetos - para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos” (HALL, 2016, p. 18). Por conta disso, a linguagem é um sistema que se torna eficiente quando dá sentido às representações que irão fazer parte do circuito de uma sociedade. No entanto, esse sentido é ajustado a partir da comunidade que circula e das relações interpessoais, sendo “constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte” (HALL, 2016, p.22).

Figura 1 - O circuito da cultura.



Fonte: Hall (2016, p.18).

A partir do momento em que entende-se o circuito da cultura, é possível utilizá-lo para a análise de diferentes produtos culturais, como a ficção seriada. Neste trabalho, o objeto é a representação midiática de um relacionamento homossexual, portanto focaremos na *fase da representação* do circuito, porém sempre levando em consideração as influências e relações com as outras fases.

A apropriação do circuito de Hall¹⁴ nos auxilia a desnaturalizar concepções e crenças com relação aos grupos não normativos, pois a abordagem discursiva das

¹⁴ Para o respectivo trabalho acionamos as fases de representação e identidade do circuito. Entretanto, não nos apropriamos das fases de regulação, consumo e produção, tendo em vista o recorte da nossa pesquisa.

representações dá destaque para as consequências políticas e sociais dessas imagens midiáticas (HALL, 2016). Sendo assim, a representação:

...em seu ato de representar, constitui não somente a identidade, mas a própria qualidade existencial, ou “realidade” (ontologia), da comunidade política, sendo representada em seus valores, interesses, posicionamentos, prioridades, com seus membros (e não membros), suas regras e instituições. Nesse contexto, da “representação como política”, não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos que opressão existencial (ITUASSU, 2016, p. 13).

Em paralelo aos processos de produção de sentido da cultura, Hall (2003) diz que a própria comunicação passa por uma transformação que interrompe a linearidade da mensagem e a passividade do receptor. Para o autor, a comunicação e a interpretação de mensagens pode ser entendida a partir “[...] de uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados - produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução” (HALL, 2003, p.387). Essa perspectiva nos propõe um novo olhar com relação a codificação e decodificação dos signos representados no audiovisual, pois abre espaço para entendermos que os sentidos produzidos por um personagem, nem sempre serão interpretados da maneira que o emissor planejou (HALL, 2003).

Para Hall (2003), uma representação só pode ser construída e comunicada, quando está discursivamente operada por códigos. Seguindo essa perspectiva, para que as pessoas consigam entender o que a série apresenta, será necessário um processo de codificação (de quem está produzindo a série) e decodificação (de quem está assistindo).

Na prática, isso quer dizer que a audiência precisa de algumas ferramentas específicas para entender os símbolos, comportamentos e falas propostos nas telas. Sendo assim, o entendimento não é algo dado e sim construído. Hall (2003) diz que a interpretação de um código “não é natural, mas produto de uma articulação entre dois momentos distintos. E a codificação não pode determinar ou garantir, de forma simples, quais os códigos de decodificação que serão empregados.” (HALL, 2003, p. 399). Nesse sentido, quando uma mensagem é enviada a partir de um discurso e não é decodificada perfeitamente pelos receptores, isso pode ser causa da diferença entre os códigos utilizados pelo emissor e pelos receptores.

Hall (2016) traz os “*códigos culturais*” enquanto elementos que estão inseridos em um contexto histórico específico e representam, por exemplo, o que é

ser LGBTQIAP+ na sociedade contemporânea. Porém, para decodificar esses códigos são necessários dois “sistemas de representação” diferentes, tanto a linguagem que produz os signos (palavras, fotografias, etc), quanto o mapa mental que existe nos indivíduos de uma mesma cultura, e que faz com que essas pessoas tenham percepções de mundo parecidas, construindo assim a sua identidade enquanto povo e/ou grupo (HALL, 2016). Quando sabemos a linguagem utilizada e partilhamos os mesmos mapas conceituais, conseguimos interpretar as imagens, falas e produções culturais que nos são apresentadas nas telas.

2.2 Representação da alteridade: o “outro” na tela

Representar a alteridade se tornou um fascínio das produções audiovisuais, principalmente a partir da metade do século XX (HALL, 2016). Entretanto, essas representações partem de uma simplificação sobre o que é o outro e qual é a sua identidade. Hall (2016) salienta que esse processo passa pela estereotipagem, ou seja, existe um reducionismo das características do outro, pois “[...] a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”. (HALL, 2016, p. 191).

Quando olha-se para as representações de gays nos produtos midiáticos, percebe-se a manutenção de comportamentos semelhantes nos diversos personagens, ocupando um lugar já pré-estabelecido pela cultura e fixando características simplistas com intuito de “*normatizar*” esses sujeitos. Silva (2015) comprova essa afirmação na sua pesquisa focada nas representações midiáticas dos homossexuais em telenovelas, e complementa dizendo que as representações de LGBTs podem ser contraditórias e complexas por conseguirem quebrar alguns paradigmas, ao mesmo em que perpetuam outros modelos antigos. Sobre os personagens gays da telenovela *Amor à Vida*, a autora diz:

...eram brancas, de classe média e a maioria tinha uma performatividade de gênero heteronormativa ou passou por um processo de normatização de sua sexualidade, através de uma aproximação dos valores socialmente estabelecidos como adequados (SILVA, 2015, p.155).

Para além das representações em telenovelas, vale destacarmos que a publicidade também se contradiz no momento de dar destaque e visibilidade para as

questões da comunidade LGBTQIAP+. Segundo a pesquisa de Spiering (2019) que teve como foco a campanha #MarcasAliadas da empresa de bebidas Skol, os anúncios traziam “superficialidade e a falta de visibilidade da população LGBTQIA+, visto que não há a presença do protagonismo dos sujeitos e/ou instituições” (SPIERING, 2019, p.91). Essa conclusão do autor mostra como as representações midiáticas de gays, mesmo quando utilizadas com objetivos publicitários, também simplificam as vivências desses sujeitos e pouco aprofundam as questões dessa parcela da população. Spiering ainda complementa, dizendo que:

O que verificamos nesta campanha, foi um distanciamento das marcas com a realidade LGBTQIA+, a partir de um recorte da estratégia do fluxo publicitário que não trouxe o protagonismo necessário para esta população (SPIERING, 2019, p.91).

A percepção de que as representações midiáticas da publicidade perpetuam estereótipos e podem reforçar antigos modelos de personagens, também é destacada pelos telespectadores, assim como explica Santos (2017) no seu trabalho focado na recepção de gays, lésbicas e bissexuais a comerciais brasileiros veiculados na TV: “[...] são apontados muitos problemas pelo grupo, que considera que as representações ainda são reguladas por uma lógica heterossexual. Tal lógica exclui o pluralismo e prioriza o gay masculinizado e a lésbica atraente” (SANTOS, 2017, p. 13).

Com relação as representações midiáticas das sexualidades nas ficções seriadas, que é o foco deste trabalho, pode-se notar a perpetuação de estereótipos sociais citados por Hall (2016), já que mesmo nas produções contemporâneas ainda é possível encontrar representações apoiadas em crenças antigas e conclusões precipitadas sobre as sexualidades não hegemônicas, assim como elucida Silveira (2019) na sua pesquisa:

[...] podemos perceber que as representações midiáticas da bissexualidade feminina em *Orange Is the New Black*, série original mais assistida da Netflix, foram construídas em torno dos estereótipos de promiscuidade, infidelidade, indecisão e instabilidade (SILVEIRA, 2019, p.60).

Os trabalhos e pesquisas que tiveram como foco as representações de LGBTQIAP+ na mídia não esgotam as possibilidades de investigação sobre essa temática, pois na verdade apresentam resultados que colaboram tanto para minha

pesquisa, quanto para os demais trabalhos que irão surgir na posteridade. A partir dessas análises, podemos desvendar as imagens veiculadas nas telas para construir uma forma diferente de apresentar as sexualidades e gêneros não hegemônicos da sociedade contemporânea.

Da mesma maneira que os autores das pesquisas citadas destacaram, Moscovici (2000) elucida que as representações convencionam os objetos que representam, criando um modelo do que seria a alteridade e forçando os sujeitos a se enquadrarem nessa estrutura pré-estabelecida:

Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequem exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado (MOSCOVICI, 2000, p.34).

Moscovici (2000) adentra o cerne da questão sobre a alteridade, quando explica que "...a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade" (MOSCOVICI, 2000, p.54). Sendo assim, quando se reconhece a existência desse sujeito fora da norma, a representação tem um papel fundamental de "normalizar" a presença desse outro, utilizando conhecimentos e registros que aquela comunidade já tem para deformar ou modificar aquilo que representa. Moscovici (2000) ainda complementa que é assim que se constroem as ideias de normalidade e anormalidade, definindo o familiar enquanto norma, e o que não é familiar enquanto diferente ou anormal.

Quando se fala em pessoas LGBTQIAP+ e outros indivíduos que se enquadram nessa ideia de anormalidade, a sociedade ou comunidade tem a dificuldade de entender e lidar com a presença dessas pessoas. Moscovici (2000) salienta que fugir da convenção e norma, coloca a sociedade em desconforto por ter de admitir a presença daquilo que antes parecia irreal:

[...] tópicos ou pessoas banidas ou remotas, todos que foram exilados das fronteiras concretas de nosso universo, possuem sempre características imaginárias; e pré-ocupam e incomodam exatamente porque estão aqui, sem estar aqui; eles são percebidos, sem ser percebidos; sua irrealidade se torna aparente quando estamos em sua presença; quando sua irrealidade é imposta sobre nós - é como se encontrássemos face a face com um fantasma ou com um personagem fictício da vida real (MOSCOVICI, 2000, p.56).

Em paralelo, Hall (2016) diz que os signos apresentados nas telas evocam dois sentidos extremamente importantes sobre “o outro”. Em primeiro nível o sentido denotativo (aquilo que está literalmente na tela), e em segundo nível o sentido conotativo (aquilo que está “escondido” na imagem e que depende de uma interpretação contextualizada). Hall (2016) afirma que é no nível conotativo que a representação envia uma mensagem sobre a alteridade, ou seja, é nesse momento que se evidencia a diferença identitária sobre “o que é ser gay” em relação ao “o que é ser hetero”.

2.3 Representação e identidade: uma articulação cultural

A construção das representações midiáticas possui uma relação íntima com a formação e manutenção das identidades sexuais. Tomaz Tadeu Silva (2014) diz que a “identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. E por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido...passam a existir” (SILVA, 2014, p. 91). Woodward (2014) completa dizendo que são utilizados significantes para consolidar as identidades dos personagens em produtos audiovisuais, pois é a partir de objetos, como cigarros, roupas e outros elementos que um sujeito irá ser atrelado e se identificará com determinado grupo da sociedade. Pensando por esse lado, será que a série escolhida utiliza de alguns significantes para evidenciar a sexualidade dos personagens gays?

Assim como as representações, as identidades também são constituídas culturalmente e socialmente a partir da diferença com relação ao “outro”. Woodward destaca que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (WOODWARD, 2014, p.40). Silva (2014) exemplifica esse processo, quando afirma que:

Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. “Sou brasileiro” - ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. Em um mundo imaginário totalmente homogêneo, no qual todas as pessoas partilhassem a mesma identidade, as afirmações de identidade não fariam sentido (SILVA, 2014, p.75).

De forma complementar, é interessante salientar que segundo a perspectiva não-essencialista, a identidade não é algo estático e uniforme a todas as pessoas que estão dentro de um grupo, mas sim um conjunto de características semelhantes e diferentes entre os sujeitos gays, por exemplo (WOODWARD, 2014). Hall (2014) completa dizendo que:

essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2014, p.108).

O olhar essencialista que entende as identidades e expressões como fixas e naturais, é desmontado e criticado a partir do surgimento das teorias *queer* e do conceito de performatividade de gênero, assim como aponta Silva (2014) quando diz que esse conceito desloca a ideia de descrição do que se é (algo que ocorre no processo de representação), para a ideia de que a identidade é transformada e construída:

[...] é a teorização cultural contemporânea sobre gênero e sexualidade que ganha centralidade. Ao chamar a atenção para o caráter cultural e construído do gênero e da sexualidade, a teoria feminista e teoria *queer* contribuem, de forma decisiva, para o questionamento das oposições binárias - masculino/feminino, heterossexual/homossexual - nas quais se baseia o processo de fixação das identidades de gênero e das identidades sexuais. A possibilidade de “cruzar as fronteiras” e de “estar na fronteira”, de ter uma identidade ambígua, indefinida, é uma demonstração do caráter “artificialmente” imposto das identidades fixas (SILVA, 2014, p.89).

Ao mesmo tempo em que a representação se baseia na identidade de grupos para escolher os significantes do personagem, ela também influencia a própria sociedade e o grupo que pretende representar, pois:

[...] por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2014, p.18).

Nesse contexto, a representação pode ajudar na compreensão das identidades no momento em que responde perguntas como :“Quem sou eu? O que poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação

constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2014, p.18). Seguindo essa perspectiva, Woodward (2014) ainda complementa dizendo que o conceito de identificação ganha destaque no cinema e audiovisual, porque torna possível nos vermos tanto na imagem quanto nos próprios personagens. Por outro lado, Hall (2014) salienta que na identificação “há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade” (HALL, 2014, p.106). Sendo assim, apesar de nos identificarmos com as representações da mídia, sempre existem espaços e faltas nesse processo.

Hall (2014) também afirma que a repetição de determinadas características através de atos linguísticos e representações constitui e produz as identidades, por isso quando utilizamos a palavra “bicha” ou “veado” para nos referirmos a um homem gay, estamos não só descrevendo como atribuindo essa característica a identidade sexual gay.

A perspectiva dos Estudos Culturais tensiona a representação midiática e a formação de identidades a partir das relações de poder dos sujeitos. Woodward diz que “a forma como vivemos as nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre a sexualidade que são produzidos por meio de sistemas dominantes de representação” (WOODWARD, 2014, p.33). Portanto, é possível entender que a identidade gay é diretamente influenciada pelas representações sociais dominantes durante a sua construção. Em articulação com os tensionamentos entre representação, poder e identidade, a política de identidade surgiu com intuito de se apropriar desses conceitos sob uma perspectiva diferente da dominante e em prol das demandas do homem gay representado, já que:

[...] concentra-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo oprimido ou marginalizado. Essa identidade torna-se, assim um fator importante de mobilização política. Essa política envolve a celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, bem como a análise de sua opressão específica (WOODWARD, 2014, p.34-35).

Silva (2014) destaca ainda mais as relações de poder durante o processo de construção das identidades, quando diz que: “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2014, p. 91). Nesse sentido, identidades dominantes, como a heterossexual, têm a capacidade de normalizar

suas características no momento em que demarcam as fronteiras sobre o que se é, em detrimento do que não se é (homossexual) a partir da representação:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas da hierarquização das identidades e diferenças. A normalização é um dos processo mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (SILVA, 2014, p. 83).

A partir das reflexões sobre as representações midiáticas e suas articulações com as identidades sexuais da “diferença”, percebe-se que analisar a representação das homossexualidades depende de um olhar crítico e profundo, entendendo qual é o seu contexto social e histórico para encontrar os significados por trás dos personagens. Será que o personagem gay da série desconstrói crenças conservadoras e paradigmas? Ou na construção do relacionamento homossexual encontramos a manutenção de estereótipos?

3 HOMOSSEXUALIDADES E O AMOR

Neste capítulo, trazemos os conceitos de sexualidade e gênero a partir da perspectiva de Louro (2018), Butler (2013) e Weeks (2018). Portanto, partimos de um olhar construcionista sobre os temas para analisar as identidades sexuais a partir das formas de poder que estão inseridas no seu contexto histórico específico. Mais a frente, trazemos uma breve história da identidade homossexual, além do conceito de amor romântico, performatividade e interseccionalidade que serão essenciais para analisarmos o objeto de estudo da respectiva pesquisa. Na última seção, contextualizamos *Sex Education* e a Netflix a partir das relações homossexuais representadas na série.

3.1 Sexualidade e gênero: uma construção social e histórica

Neste subcapítulo, nos aprofundamos nas principais teorias sobre sexualidade e gênero e suas intersecções, sob o prisma do construcionismo social e dos seus atravessamentos culturais. Louro (2018) entende as sexualidades enquanto identidades sexuais construídas socialmente e politicamente, ultrapassando a perspectiva pessoal e individual tão presente no pensamento essencialista. Nesse sentido, a autora ainda argumenta que, por ser construída, a sexualidade está em constante mudança, por causa das experiências e aprendizados que os sujeitos têm ao longo de suas vidas (LOURO, 2018). Weeks (2018) fortalece essa ideia quando argumenta que: “Falamos todo o tempo sobre o ‘instinto ou impulso do sexo’, vendo-o como a coisa natural...Há agora uma vasta literatura sugerindo...que a sexualidade é, na verdade, uma ‘construção social’, uma invenção histórica...” (WEEKS, 2018, p.49). Essa ideia de que as identidades sexuais são produtos da cultura é um ponto de vista antagônico às teorias ligadas a natureza e a biologia, já que a perspectiva construcionista entende que não existe fixidez ou pré-definição sexual:

As possibilidades da sexualidade - das formas de expressar os desejos e prazeres - também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade (LOURO, 2018, p.12).

Apesar de permear a vida dos seres humanos de todas as culturas e períodos históricos, a sexualidade começou a ser objeto de estudo de pesquisadores e sexólogos apenas no final do século XIX. Levando em consideração o contexto da época, a visão dessas pesquisas sempre partiam de um olhar masculino, normativo e em alguns momentos essencialista (WEEKS, 2018).

Em oposição às pesquisas sociológicas que eram realizadas sobre as sexualidades não-hegemônicas, os estudos *queer* surgiram em meados de 1980 nos Estados Unidos para dar espaço aos sujeitos invisibilizados e excluídos historicamente: “Teórica e metodologicamente, os estudos *queer* surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos” (MISKOLCI, 2009, p.152). Para este trabalho, os autores vinculados a vertente *queer* serão acionados levando em conta o nosso objeto, já que esses teóricos “[...] deram maior atenção a análise discursiva de obras fílmicas, artísticas e midiáticas no geral” (MISKOLCI, 2009, p.155). Nesse contexto, os autores aqui citados compreendem a sexualidade enquanto dispositivo histórico de poder atravessado por discursos e práticas sociais:

[...] os empreendimentos queer partem de uma desconfiança com relação aos sujeitos sexuais como estáveis e foca nos processos sociais classificatórios, hierarquizadores, em suma, nas estratégias sociais normalizadoras dos comportamentos. Ao colocar em xeque as coerências e estabilidades que, no modelo construtivista, fornecem um quadro compreensível e padronizado da sexualidade, o *queer* revela um olhar mais afiado para os processos sociais normalizadores que criam classificações, que, por sua vez, geram a ilusão de sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares (MISKOLCI, 2009, p. 167).

Foucault (1988) define a sexualidade enquanto um “*dispositivo histórico*”, entendendo que existem atravessamentos discursivos baseados no momento em que determinada sexualidade está inserida. Nesse sentido, o dispositivo tem um caráter de controle social que se dá a partir da valorização dos corpos enquanto constituinte das relações de poder. Foucault (1988) traz os elementos do dispositivo da sexualidade: o corpo feminino, a precocidade infantil, a regulação dos nascimentos e a especificação dos perversos. Para que o controle de fato ocorra na vida das pessoas são utilizadas ferramentas que colocam os sujeitos a determinadas posições através de algumas características. Um bom exemplo é a figura do homossexual pervertido que exerce um poder/saber com relação a homossexualidade, conseguindo assim controlá-la (FOUCAULT, 1988).

Na mesma perspectiva, Weeks diz que sexualidade vai além do caráter pessoal, pois é “além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo...uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosa” (WEEKS, 2018, p.48). Podemos entender o pensamento dos autores quando refletimos sobre os direitos dos homossexuais ao longo da história. No século XXI, o direito de existir, o casamento gay e até a adoção de crianças são elementos e possibilidades que caracterizam as homossexualidades contemporâneas, algo que não acontecia nos séculos anteriores.

Louro faz uma análise mais profunda sobre a sexualidade quando a relaciona com o corpo: “O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (LOURO, 2018, p.16). Sendo assim, a autora irá dizer que a sexualidade tem um papel central na sociedade moderna ocidental, já que uma nova identidade sexual ou de gênero “é considerada uma alteração essencial, uma alteração que atinge a ‘essência’ do sujeito” (LOURO, 2018, p.15). Weeks (2018) também elucida a questão do corpo na construção da sexualidade: “...embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo” (WEEKS, 2018, p.46).

Apesar do foco deste trabalho estar na investigação da representação da sexualidade na série de TV escolhida, o marcador social de gênero não pode ser ignorado, tendo em vista que é um conceito que se articula durante a construção de todos os sujeitos. Butler (2013) diz que o gênero e o sexo são construções sociais que se estabelecem através de processos discursivos. Sendo assim, a pesquisadora compreende o gênero enquanto um conceito que se relaciona com as diferenças sociais, políticas, culturais entre homens e mulheres e que portanto, é performado a partir da forma como falamos, nos vestimos e nos apresentamos. É a partir dessa ideia que a autora cunha o conceito de *performatividade de gênero* que se constrói levando em conta a repetição de normas e condutas que norteiam o que é ser homem e o que é ser mulher (BUTLER, 2013). Nesse sentido, sujeitos que performam comportamentos que não condizem com o gênero do qual fazem parte, são discriminados e marginalizados. Esse é o caso dos gays afeminados, ou melhor, dos homossexuais que performam características vinculadas culturalmente ao universo dito feminino. Gays afeminados desestabilizam o binarismo homem/mulher que é constantemente reiterado na mídia e inclusive em ficções seriadas.

Na mesma lógica, Louro (2018) evidencia a influência da cultura na construção das características que pertencem a determinada identidade sexual, por exemplo, a ideia de que determinadas roupas e gestos estão relacionados com as homossexualidades, enquanto outras “marcas” pertencem ao universo da heterossexualidade:

Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. Talvez devêssemos nos perguntar, antes de tudo, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ser significada) como uma “marca” definidora da identidade, perguntar, também, quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência (LOURO, 2018, p.16).

Em paralelo, Weeks (2018) destaca o quanto as relações de poder tem um papel fundamental na hora de definir o que faz parte, ou não, de determinadas sexualidades, pois apesar da crença de que os comportamentos sexuais e convenções são dados de forma natural, pode-se perceber o quanto a sexualidade dos homens foi historicamente privilegiada em relação a sexualidade das mulheres (WEEKS, 2018).

Nesse contexto, as marcas que definem a identidade sexual dos sujeitos precisam ser decodificadas pelo restante da sociedade. Por isso, Louro diz que “aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam” (LOURO, 2018, p.17). A afirmação da autora nos ajuda a entender o porquê determinadas pessoas identificam a sexualidade de gays apenas conversando ou até mesmo observando esses corpos. No entanto, é importante destacar que esse processo de identificação e classificação só ocorre porque os corpos gays fazem parte do “outro”, ou seja, da alteridade que não faz parte da norma:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir da referência. Desta forma, a mulher é representada como “segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2018, p.18).

É interessante perceber que apesar da norma não ser nomeada, ela também passa por um processo de construção cultural da sexualidade e gênero. Louro

(2018) evidencia a diferença de expectativas e educação com relação a homens e mulheres, pois o carinho e afeto são aceitáveis entre mulheres, porém entre os homens o pensamento competidor ganha destaque para dificultar que o sujeito externalize fraquezas (LOURO, 2018). Esses ensinamentos ajudam a moldar o que se espera da masculinidade e da feminilidade, o que está diretamente relacionado com a identidade heterossexual e normativa, já que:

Para que se efetivem essas “marcas”, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas (LOURO, 2018, p.30).

A produção da heterossexualidade também tem consequências imediatas na vida dos homossexuais. Louro (2018) afirma que a homofobia é um produto da reiteração da heterossexualidade, já que quando a sociedade moderna entende essa sexualidade enquanto norma, imediatamente rejeita as homossexualidades, seja silenciando ou segregando os gays: “Meninos e meninas aprendem...piadas e gozações para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos pela cultura em que vivem” (LOURO, 2018, p.35). Na mesma perspectiva, Miskolci (2009) traz o conceito de heteronormatividade como central para o controle das sexualidades na contemporaneidade:

a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma dominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MISKOLCI, 2009, p. 156-157).

Tendo isso em vista, é possível perceber o quanto a construção da identidade homossexual é em si um ato político, pois precisa resistir às pressões e agressões da norma (heterossexual): “...dizer ‘eu sou gay’ ou ‘eu sou lésbica’ significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes’ (WEEKS, 2018, p.89). Weeks ainda

destaca a necessidade do apoio e espaço social/político para a consolidação dessas identidades da alteridade:

Para que surjam identidades distintivas, colocando-se contra as normas heterossexuais de nossa cultura, algo mais do que a atividade sexual ou mesmo desejo homossexual é necessário: a possibilidade de algum tipo de espaço social e apoio social ou rede que dê sentido às necessidades individuais (WEEKS, 2018, p.87).

Segundo Weeks (2018) a construção de identidades sexuais divergentes da norma passa por quatro estágios diferentes: sensibilização (quando o sujeito percebe a sua diferença com relação a norma); significação (quando essa diferença como a ter sentido para o sujeito); subculturização (quando o sujeito se reconhece a partir de seu similares) e estabilização (quando ocorre o processo de aceitação de seus sentimentos e estilo de vida). No entanto, é importante salientar que apesar desses processos, os atos sexuais praticados pela alteridade não traduzem as suas identidades sexuais, pois o contexto histórico sempre é importante e influente nesse processo de construção (WEEKS, 2018).

O entendimento de que as identidades sexuais são construídas socialmente e culturalmente, permite percebermos as lutas políticas pela visibilidade e ocupação de espaços que acompanham esses sujeitos. Weeks (2018) destaca que as identidades estão sempre imbuídas de posicionamento político. Sendo assim, para este trabalho é fundamental analisarmos as sexualidades retratadas no respectivo produto midiático enquanto projeções de uma sexualidade homossexual posicionada em um período histórico específico, embasada e enraizada em uma percepção contemporânea sobre o que é um relacionamento gay. Nessa perspectiva, no próximo subcapítulo iremos discutir como as homossexualidades se constituem nos relacionamentos amorosos da contemporaneidade.

3.2 As homossexualidades pelo viés das relações amorosas

Segundo Weeks (2018), as homossexualidades só se construíram enquanto identidade a partir do século XIX. O autor destaca o quanto a construção da heterossexualidade foi importante para a definição do que seria esse outro - no caso o homossexual. Weeks diz que as homossexualidades enquanto práticas sexuais foram relatadas em diferentes épocas e tempos na história da humanidade, porém é

apenas nas sociedades industrializadas que o homossexual se estabelece composto por identidade e grupo cultural. Esse processo de construção da identidade homossexual se deu pelas transformações do século XVIII, marcadas pela distinção explícita sobre os papéis masculinos e femininos na sociedade. Nesse sentido, os homens que não se encaixavam nos papéis exigidos, seja com relação às práticas sexuais, seja com relação às comportamentais, foram se aproximando e criando seus grupos através de subculturas marginalizadas guiadas também pela performatividade de gênero (WEEKS, 2018).

Com o passar do tempo, a identidade gay se modificou e outras identidades não-hegemônicas foram surgindo, dando espaço a sujeitos com demandas e identificações diferentes, como por exemplo as identidades de transsexuais e não-binários. Por outro lado, assim como afirma Weeks (2018) ainda não vivenciamos uma realidade em que os gays estão em um lugar de igualdade com relação aos héteros: “Parece haver agora uma aceitação geral de que as relações homossexuais não deveriam ser sujeitas a leis punitivas, mas sua legalidade ainda está sujeita a limites rigorosos” (WEEKS, 2018, p.100). Isso é algo visível quando percebemos a resistência de grupos conservadores com o surgimento de famílias homoafetivas, como é o caso da Suprema Corte dos EUA que liberou uma agência de adoção católica a rejeitar pedidos de casais gays, em junho de 2021¹⁵.

Nesse contexto, a construção da identidade gay na contemporaneidade também é atravessada por um viés relacional, ou seja, a esfera amorosa faz parte da constituição e representação dos sujeitos homossexuais. Sendo assim, a seguir acionamos teorias sobre o amor e os relacionamentos para mais tarde analisar como a relação gay na série de TV escolhida se apresenta na tela.

Para Toledo (2013) os conceitos de amor e de relações amorosas são atravessados pela indústria cultural e propaganda. Por isso, o que vemos nas revistas, filmes, séries e outros produtos culturais nos ajuda a idealizar o amor. É nesse processo que surge o amor romântico imbuído de sonhos e expectativas:

Nessa dinâmica, o amor, como tema central da felicidade moderna, é presença obrigatória na propaganda e, especialmente, nas produções da indústria da cultura. O encontro da “alma gêmea” é veiculado de forma

¹⁵ Reportagem realizada pelo jornal El País Brasil. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2021-06-17/supremo-dos-eua-decide-que-agencia-de-adocao-catolica-pode-rejeitar-casais-do-mesmo-sexo.html>>. Acesso em: 19 de setembro de 2021.

maciça como a solução para todos os males, e como o meio de acesso à singularização e à felicidade (TOLEDO, 2013, p.208).

Toledo (2013) assinala o quanto as produções hollywoodianas perpetuam a ideia de um amor impossível, que passa por diversos obstáculos externos para ser concretizado, relativizando muitas vezes os valores éticos e morais da sociedade em que está situado. A pesquisadora também destaca a idealização do parceiro enquanto complementar e essencial para a vida do sujeito, além de o sofrimento, a emoção exacerbada e a intensidade estarem naturalizados nesse tipo de amor. Dessa forma, o amor romântico se torna cada vez mais obrigatório para a vida do sujeito moderno, gerando culpa quando esse indivíduo não consegue alcançá-lo (TOLEDO, 2013). Toledo ainda fala sobre a raiz cultural e educacional desse amor na sociedade:

Somos ensinados, desde a mais tenra idade, a amar romanticamente, a partir da valorização desse sentimento como um bem que se sobrepõe a qualquer outro e que requer, naturalmente, exclusividade e reciprocidade contínua. Trata-se, na verdade, do jogo de espelhos inerente à cultura: a comunicação de massa reproduz o desejo e as experiências humanas e, ao fazê-lo, torna-se o mais poderoso veículo para cultivá-los e reinventá-los (TOLEDO, 2013, p.215).

Neves (2007) traz o caráter socialmente construído do amor, salientando que o período histórico, a temporalidade e as especificidades da cultura definem e conceituam esse sentimento:

[...] o amor não pode deixar de ser entendido no quadro das suas significações históricas e culturais, sabendo nós que aquilo que é percebido como uma manifestação de intimidade ou de amor pode variar em função do espaço e do tempo onde tal fenômeno está situado. Nesse sentido, para além de ser um conceito multidimensional, o amor é também um produto social e discursivo (NEVES, 2007, p.612).

Nessa perspectiva, é interessante perceber que hoje o que entendemos enquanto relação amorosa é completamente diferente do que a definição dos séculos anteriores, principalmente quando comparamos a contemporaneidade com os períodos históricos que viam o casamento como um contrato financeiro, por exemplo. Por outro lado, Neves (2007) elucida que o amor é associado principalmente ao universo feminino, sendo amar um sentimento das mulheres:

Uma vez que a ideologia do romance é majoritariamente dirigida às mulheres, é esperado que elas sejam mais românticas nas suas crenças

sobre as relações íntimas do que os homens e, assim sendo, que se comportem em conformidade. As mulheres são encorajadas a ver o sexo em termos da sua romanticidade, estando os guiões culturais impregnados com a ideia de que, no que respeita à sua sexualidade, o sexo feminino deve ser passivo, ao invés de activo (NEVES, 2007, p. 613-614).

A afirmação da autora é fundamental para entendermos os papéis de gênero dados aos homens e às mulheres no que se refere ao amor. Diferente da mulher, para o homem, resta o lugar ativo da conquista, porém, durante o relacionamento, esse sujeito se torna mais distante e pouco amoroso (NEVES, 2007). Além disso, a autora traz a hierarquia dentro das relações, onde o homem ocupa um lugar de autoridade e soberania, e a mulher fica com o espaço da vulnerabilidade, dependência e subordinação, o que leva a relacionamentos potencialmente abusivos e violentos:

A questão do amor romântico tem encabeçado a agenda feminista, sendo a sua ideologia apontada como responsável por levar as mulheres a acreditar que a felicidade humana dependeria da sua entrega total e incondicional aos seus parceiros, originando, em muitas situações, histórias de violência, de discriminação e de desigualdade (NEVES, 2007, p.617).

Apesar de estruturados numa visão heterossexual, esses papéis de gêneros binários podem ser reproduzidos pelos casais gays, já que a heteronormatividade citada por Miskolci (2009) influencia na forma que os casais gays se relacionam. Nesse contexto, será que os gays que performam feminilidade tendem a se comportar de forma semelhante às mulheres, cultivando o amor dentro do relacionamento e muitas vezes se colocando em um lugar de passividade e opressão? E os gays que performam masculinidade reproduzem e espelham o comportamento dos homens heterossexuais, ocupando um lugar mais agressivo e menos sentimental no relacionamento?

Outro ponto importante no momento de analisarmos relacionamentos gays é o atravessamento dos demais marcadores sociais, como a raça e a etnia. A interseccionalidade é um conceito abordado por diversos autores e que surge para dar conta da articulação de opressões dos sujeitos. Joice Berth (2019) explica melhor o conceito:

O entendimento do pensamento de Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde, Sueli Carneiro e outras, diz que não se pode hierarquizar as opressões, considerando algumas mais urgentes que as outras, e sim olhar a partir de uma perspectiva interseccional, identificando como elas se inter-relacionam e

em que elas se somam, potencializando seus efeitos sobre um grupo de indivíduos (JOICE BERTH, 2019, p.64).

Quando transportamos esse conceito para dentro do nosso trabalho, entendemos que homens gays brancos e negros sofrem homofobia por conta da sexualidade, no entanto no caso do homem negro existe a articulação com o racismo. Portanto, a experiência desse sujeito dentro de um relacionamento amoroso é diferente e possui particularidades que potencializam efeitos e relações de poder.

Seja como for, para esta pesquisa, é essencial repensar ideias e certezas que temos sobre o caráter essencial do sentimento, como se amar fosse algo intrinsecamente natural e livre. Dessa forma, pode-se concluir que o dispositivo histórico sexual, o gênero e o amor são construções sociais influenciadas pela mídia e seus produtos culturais. Portanto, é nesse contexto que as séries exibidas em diversas plataformas e canais ajudam a conceituar nossas percepções sobre o mundo e sobre nós mesmos.

3.3 ‘Sex Education’ e as relações homossexuais

Como dito nos subcapítulos anteriores, tanto o gênero quanto a sexualidade e os relacionamentos amorosos são construídos através das influências da mídia e de seus produtos, como filmes, séries, programas de TV, revistas, jornais e propaganda. Também é a partir da representação midiática discutida por Hall (2016) e Silva (2014) que o sujeito constrói sentido e significados para a sua vida. As representações trazidas nos personagens de séries traduzem as identidades sexuais e de gênero, e exibem as possibilidades de amor e relacionamentos disponíveis para os espectadores que se identificam com as produções. Sendo assim, as séries têm um papel cada vez mais importante na visão cultural sobre os temas aqui discutidos. Por conta disso, neste subcapítulo vamos apresentar a série *Sex Education* para entender como esse produto midiático/cultural está localizado dentro da nova cultura das séries.

Segundo Silva (2014) a cultura da séries é uma dinâmica que ganhou força a partir das plataformas de *streaming* e de sites que disponibilizam séries internacionais na íntegra. Sendo assim, impulsionada pela internet, a cultura das séries modificou a forma como produzimos, disponibilizamos e consumimos esse

tipo de produto. Nesse cenário contemporâneo, a relação entre as ficções seriadas e seus espectadores está diferente e muito mais conectada. Para explicar como essa revolução nas séries ocorreu, o autor destaca três condições centrais: a forma, o contexto tecnológico e o relacionamento com o público (SILVA, 2014).

O cenário atual, portanto, é de ampliação das formas de produção e consumo audiovisual, e embora a TV ainda esteja consolidada no modelo tecnológico de transmissão de sinal, o que implica uma experiência predominantemente nacional e em fluxo, o que chamamos aqui de cultura das séries é resultado dessas novas dinâmicas espectatoriais em torno das séries de televisão, destacadamente, as de matriz norte-americana (SILVA, 2014, p.243).

Com roteiros e narrativas diferentes e fora dos clichês cinematográficos, a cultura das séries traz produtos que chamam a atenção do público pelas próprias histórias. Além disso, Silva (2014) destaca o quanto o papel do escritor/produtor respeitado é fundamental para atrair a atenção do público quando um lançamento acontece, se traduzindo em campanhas publicitárias encorpadas, com *trailers*, entrevistas e divulgação massiva (SILVA, 2014).

Outro ponto que influencia diretamente para o sucesso das séries e das plataformas em que são disponibilizadas, é o aparato tecnológico que tomou a frente das produções. No cenário contemporâneo, não se fala mais em exportação, e sim em circulação, tendo em vista que os serviços de *streaming* permitem que o usuário assista aos seus programas em qualquer parte do mundo, da forma como quiser e sem precisar se submeter aos horários de um canal televisivo. Silva (2014) traz o desenvolvimento da internet como um dos protagonistas da cultura das séries:

[...] vimos se formar uma geração de espectadores capazes e interessados em assistir séries pela internet, através tanto de sistemas de transmissão em streaming, simultaneamente à exibição nos países de origem, quanto de download, via torrent, disponibilizados em sites e fóruns especializados. Além disso, circula na rede uma ampla gama de material exclusivo, oferecido pelos canais, e que vão desde promos, trailers e entrevistas, até expansões do mundo narrativo em websódios, blogs ou sites de personagens (SILVA, 2014, p.246).

De forma complementar, o relacionamento com o público também se transformou nessa nova cultura, já que o surgimento de comunidades de fãs e engajamento nas redes sociais fez com que as conversas em torno das séries durassem mais tempo e alcançassem uma audiência ainda maior (SILVA, 2014).

Hashtags, análises em blogs e sites, notícias na imprensa, atores conversando com o público nas redes sociais, todas essas estratégias e mudanças comportamentais fidelizam ainda mais o público, o envolvendo na narrativa e produção da série: “fãs passam a demonstrar um conhecimento amplo sobre os modos de encenação, os diálogos, a caracterização dos personagens, o desenvolvimento das tramas e a montagem das cenas” (SILVA, 2014, p.248).

Nesse contexto, o consumo de audiovisual através de serviços de *streaming* se tornou uma das maiores tendências dos últimos anos. Segundo um levantamento realizado pelo Kantar Ibope¹⁶ em maio de 2020, as empresas de serviços de *streaming* audiovisual - Netflix, Youtube, Globo Play e Amazon Prime - ultrapassaram a audiência das TVs por assinatura no Brasil no respectivo mês. Dentro dessa perspectiva, as produções de séries e filmes dessas plataformas ganharam destaque nos lares brasileiros e no dia a dia de boa parte da população. É nessa cultura das séries que a Netflix se estabeleceu no país.

A Netflix é uma empresa que surgiu em 1997 oferecendo um serviço de locação de fitas e DVDS, porém em 2007 evoluiu e migrou para uma plataforma online. Alguns anos mais tarde, em 2010, a empresa focou o seu trabalho no modelo de *streaming*, disponibilizando diferentes conteúdos online, como séries, filmes, documentários, dentre outros produtos audiovisuais. Atualmente o serviço possui mais de 209 milhões de assinantes ao redor do mundo e mais de 4.300 títulos disponíveis na plataforma. Além disso, desde 2012 a empresa lança produtos originais, ultrapassando a marca de mil conteúdos originais/exclusivos até então. Em 2021, a Netflix foi a principal campeã do Emmy Awards¹⁷, levando 44 estatuetas nas mais importantes categorias, ficando na frente de todas as empresas televisivas rivais.

No Brasil, a Netflix chegou em 2011, e atualmente é a plataforma de *streaming* mais popular do país, segundo o levantamento da JustWatch¹⁸, realizado no primeiro trimestre de 2021. Nesse sentido, a empresa se propõe a contar histórias reais e que se conectam com o público, por isso a diversidade é um tema importante abordado tanto em suas produções quanto na sua comunicação nas

¹⁶ Empresa brasileira especializada em levantamentos de dados para o governo federal e sociedade.

¹⁷ Premiação mundial anual realizada pela Academia de Artes e Ciências Televisivas focada nas produções televisivas como séries, novelas e minisséries.

¹⁸ Dado retirado de uma matéria do portal Showmetech. Disponível em: <<https://www.showmetech.com.br/servicos-de-streaming-mais-populares-brasil/>> Acesso em: 24 de setembro de 2021.

redes sociais. Séries que pautam temas sociais discutidos atualmente, como gênero e sexualidade, possuem mais espaço dentre as opções do catálogo da plataforma.

Diferente da TV aberta e a cabo, a Netflix pauta os seus produtos levando em conta a opinião dos espectadores, pois funciona a partir do modelo econômico de assinatura mensal (CASTELLANO, 2016). Castellano (2016) afirma que a empresa utiliza de discursos distintivos para se distanciar da ideia de TV e se aproximar da qualidade e credibilidade do cinema. Por isso, costuma contratar produtores, roteiristas, diretores e atores consolidados no mercado cinematográfico (CASTELLANO, 2016). Por outro lado, a Netflix também vem se destacando por impulsionar uma prática de consumo de séries diferente, o *binge-watching*, definido pelo consumo contínuo de vários episódios em sequência, já que a plataforma disponibiliza temporadas inteiras de uma só vez (CASTELLANO, 2016).

Ao lado das inovações de formato e consumo trazidas pela Netflix, também existe uma diversidade de narrativas nas séries da empresa. Desde produções com roteiros próximos da TV aberta, como *Fuller House*, até séries com histórias pouco contadas pela mídia, como *Orange is The New Black*, a Netflix está lançando cada vez mais ficções ousadas. É nesse cenário que surge a série *Sex Education*, que é o foco da nossa análise.

Ambientada no Reino Unido, na cidade de Moordale, a série se passa nos dias atuais, possui três temporadas e pretende retratar as sexualidades e os relacionamentos amorosos estabelecidos no contexto da juventude contemporânea. A série é um dos principais sucessos da Netflix com relação a audiência e público. Segundo a lista divulgada pela própria plataforma através do colunista da UOL Ricardo Feltrin¹⁹, a série *Sex Education* está no quinto lugar das séries mais assistidas na plataforma no ano de 2019. Com base nos dados da empresa *SEMrush*²⁰, a série foi a mais buscada na web nos primeiros dois meses de 2020. Além disso, *Sex Education* foi indicada em seis categorias diferentes no prêmio BAFTA TV Awards²¹ em 2021.

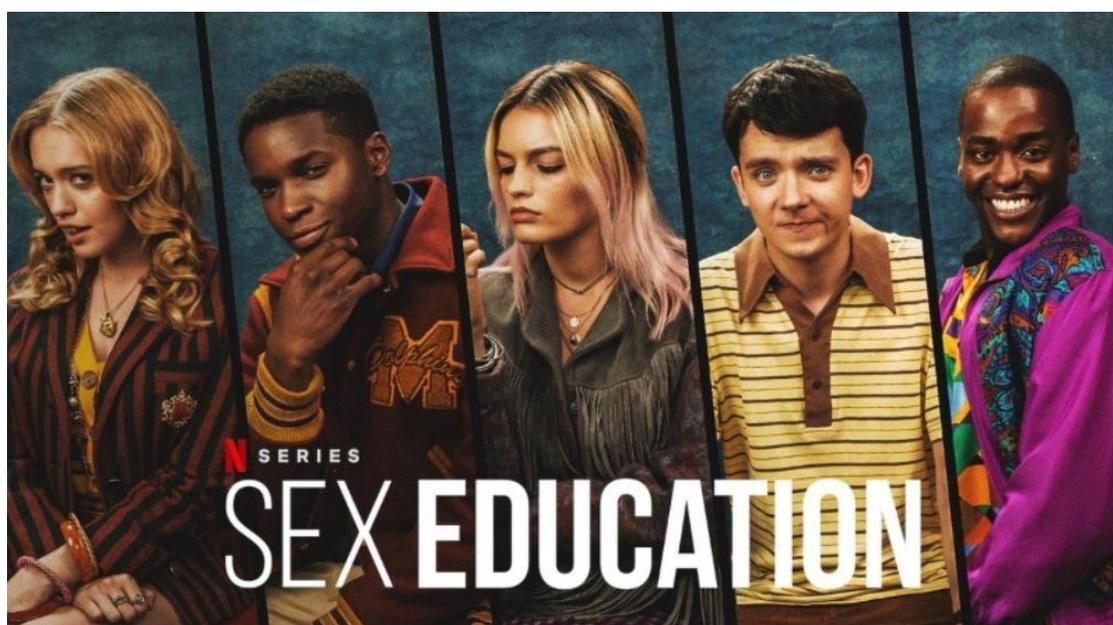
¹⁹ Lista divulgada pelo site Adoro Cinema. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-152471/>> Acesso em: 14 de novembro de 2020.

²⁰ Empresa estadunidense de marketing digital especializada em buscas orgânicas na web. Notícia veiculada no jornal Folha de São Paulo em março de 2020. Disponível em <<https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2020/03/confira-o-ranking-das-series-mais-buscadas-pelo-s-brasileiros-em-2020.shtml>> Acesso em: 14 de novembro de 2020.

²¹ BAFTA TV Awards ou British Academy Television Awards é uma premiação anual que acontece no Reino Unido, e que foca nas produções televisivas da região.

Com um pano de fundo de comédia, a série transita entre gêneros e consegue ser dramática e leve ao mesmo tempo. Seu enredo gira em torno de Otis, um menino virgem que é filho de uma sexóloga e que, por conta dos conhecimentos adquiridos através da mãe, inicia uma clínica de terapia sexual para os outros alunos da sua escola. Durante o desenvolvimento da série, surgem questões ligadas à orientação sexual dos alunos. Nesse cenário, os relacionamentos homossexuais começam a se desenvolver e ter as suas respectivas tramas, como é o caso do Eric e do Adam. O foco deste trabalho está nas representações desses relacionamentos, já que a série retrata parte da população LGBTQIAP+.

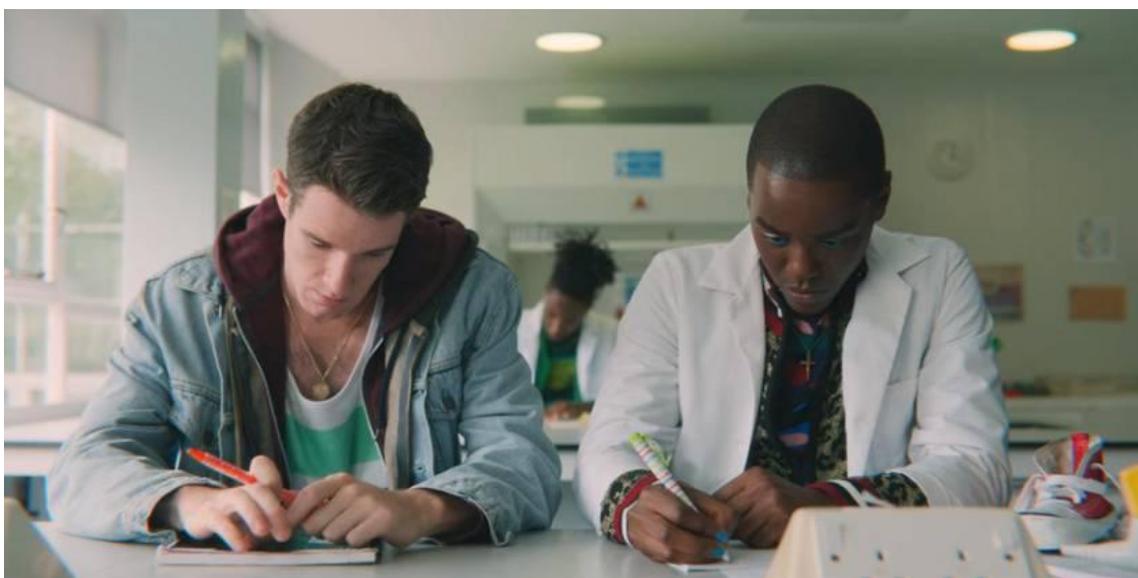
Figura 2 - Parte do elenco de *Sex Education*.



Fonte: Divulgação

Nesta pesquisa, escolhemos analisar a construção do relacionamento entre os personagens Adam Groff e Eric Effiong, pois protagonizam uma das histórias mais importantes da narrativa. Sendo assim, são o principal casal LGBT do universo da série, aparecendo em todas as temporadas disponíveis até então e possuindo um arco bem desenvolvido na história, possibilitando uma grande quantidade de material para a análise. Adam é um adolescente branco, de classe média, filho do diretor do Colégio Moordale - principal ambiente da trama, onde ambos os personagens estudam - e que de início se entende enquanto heterossexual. Já o Eric, é uma adolescente negro, de classe média baixa, assumidamente homossexual.

Figura 3 - Adam (à esquerda) e Eric (à direita)



Fonte: Cena retirada da série.

No início da trama, Eric e Adam já se conhecem por estudarem na mesma escola. No entanto, Eric é visto como perdedor, sofrendo constantes ataques homofóbicos do Adam desde as primeiras cenas, seja através de falas ou agressões físicas. Já o Adam é o valentão da escola que não tira boas notas, e por isso é constantemente diminuído intelectualmente pelos outros alunos e professores. Ele namora a Aimee Gibbs, uma das personagens do núcleo central da série. Porém, logo fica evidente que o Adam sofre uma grande pressão social por parte de seu pai, o que faz com que ele tenha atitudes impulsivas e agressivas. Sendo assim, com o passar da história Aimee termina o namoro com o Adam, pois sentia vergonha do seu comportamento. A primeira temporada termina com o Adam e o Eric tendo relações sexuais, surpreendendo o espectador que até aquele momento não conhecia bem a sexualidade de Adam.

A segunda temporada começa com o Adam tendo conflitos internos e problemas na escola, tanto pela sua dificuldade em estudar quanto pela descoberta da sua sexualidade. Com o passar dos episódios, um relacionamento novo e amigável é formado entre Adam e Eric, o que faz eles criarem mais intimidade e momentos de trocas. No final da temporada, Adam pede Eric em namoro.

Na terceira temporada, Eric percebe que Adam não assume o namoro em todos os momentos e lugares, pois a maior parte das trocas entre os dois acontece

em ambientes privados e longe da família, porém a escola é um dos poucos locais em que o namoro é assumido. Nesse sentido, no final da terceira temporada, Eric termina o relacionamento com o Adam, argumentando que estão em momentos diferentes, e que portanto não era justo para nenhum dos lados seguir com o namoro. Sendo assim, há um fechamento do arco desse relacionamento na última temporada disponível até o momento da nossa pesquisa.

A partir da contextualização do namoro de Adam e Eric, é possível analisarmos o relacionamento do casal com base no aparato teórico trazido neste capítulo. Portanto, na metodologia e análise iremos entender como a sexualidade e a performatividade de gênero de ambos os personagens são representadas na série, além de problematizar a construção do afeto e amor desse relacionamento, tensionando questões importantes ligadas a manutenção do amor romântico e sua glamourização através dos produtos culturais/midiáticos.

4 DESVENDANDO O RELACIONAMENTO GAY

Neste capítulo trazemos a metodologia e análise adotadas para a pesquisa. Portanto, inicialmente explicamos como fizemos a coleta de dados, e depois analisamos o objeto empírico a partir de três categorias diferentes. Sendo assim, a primeira seção é reservada para os procedimentos metodológicos e as seções seguintes são reservadas para a apresentação completa do corpus e análise de cada categoria desdobrada.

4.1 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, explicamos como fizemos a coleta e a análise de dados para responder o objetivo geral da pesquisa que é: analisar como a representação do relacionamento gay entre Adam e Eric é construída a partir das suas performatividades na série. Nosso trabalho é exploratório, pois segundo Gil esse tipo de pesquisa “[...] é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis” (GIL, 2008, p.27). Nesse sentido, o trabalho apresenta uma investigação inicial sobre a representação de um relacionamento amoroso juvenil em um formato específico de produto midiático. Além disso, é um objeto novo, já que não foram identificados trabalhos com o mesmo foco e tema no estado da arte. Com relação ao método escolheu-se o qualitativo, pois a pesquisa foca em conceitos da subjetividade humana, como a sexualidade e os relacionamentos amorosos. Isso se alinha com a afirmação de Prodanov e Freitas quando eles dizem que na pesquisa qualitativa “[...]há uma relação dinâmica entre mundo e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV e FREITAS 2013, p.70).

Com relação aos procedimentos, nosso trabalho realiza uma pesquisa documental, já que coleta dados não tratados de produtos midiáticos, e segundo Gil a pesquisa documental “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico”(GIL, 2008, p.51).

A Netflix foi a plataforma escolhida para esta pesquisa, levando em consideração a sua relevância no Brasil, como citado no capítulo anterior. Nesse sentido, *Sex Education* foi a série de TV escolhida como objeto, principalmente pela

sua temática ousada e original, pontos que o Silva (2014) destacou como característicos dos produtos da cultura das séries. Além disso, o casal gay formado pelo Adam e Eric é um dos principais da trama, tendo uma visibilidade e desenvolvimento expressivos na produção. Para analisar o objeto do nosso trabalho, acionamos a análise de imagem em movimento, desenvolvida pela Diana Rose (2004). De acordo com a autora, o método “[...] abrange um conjunto de conceitos e técnicas que podem servir de orientação na análise de muitas representações sociais no mundo audiovisual” (ROSE, 2004, p. 343), por isso dá conta das particularidades do formato e das implicações existentes na hora de produzir sentidos por meio das representações em séries. Além disso, Rose (2004) destaca que não é possível transcrever o audiovisual na sua totalidade, sendo assim transcrevemos apenas os diálogos das cenas para analisar as representações propostas na série. Sendo assim, revi os 24 episódios disponíveis e fiz anotações nos momentos em que os personagens tinham trocas ou falavam sobre o seu relacionamento.

Com o material coletado, percebemos a existência de esferas que ajudam a compor o relacionamento do Adam e Eric e construímos três categorias diferentes para analisar 19 cenas. Abaixo está um quadro que conecta os objetivos específicos desta pesquisa com os procedimentos escolhidos para o desenvolvimento do trabalho

Quadro 1 - Objetivos e procedimentos

Objetivos específicos	Procedimentos
1) Identificar as cenas que apresentam as sexualidades dos personagens através do seu relacionamento.	Pesquisa documental
2) Identificar as dimensões da performatividade através da análise do relacionamento dos personagens	Análise de Imagem em Movimento
3) Discutir como essas representações são construídas para entender se exercem padronizações e estereótipos.	Análise de Imagem em Movimento

Fonte: Autor.

Agora que já apresentamos a metodologia do trabalho, trazemos o corpus e a análise da pesquisa.

4.2 Análise

Nesta seção, apresentamos os dados coletados e analisados a partir do aporte teórico. Sendo assim, dividimos a análise em cinco subcapítulos diferentes, sendo o primeiro reservado para a apresentação completa do corpus desta pesquisa, os seguintes para a análise de cada categoria desdobrada e o quinto para o fechamento e conexão dos resultados.

4.3 Corpus da pesquisa

Neste subcapítulo, trazemos a transcrição das 19 cenas selecionadas para análise a partir dos 24 episódios disponíveis da série, destacando os conceitos que se relacionam com os acontecimentos retratados e as categorias de cada cena. O corpus da pesquisa foi pensado a partir da necessidade em entender a representação do relacionamento da forma mais completa possível. As cenas foram organizadas em um quadro que traz: 1) O episódio e temporada; 2) A descrição do diálogo; 3) Os conceitos que são abordados na cena e 4) A categoria de análise que a cena pertence.

O corpus foi organizado a partir de três categorias criadas com base nas esferas que compõem o relacionamento do casal, extraídas da análise das cenas. A categoria 1 intitula-se “A descoberta e vivência da sexualidade através do relacionamento gay” e possui um foco na sexualidade e performatividade de gênero dos personagens no contexto do próprio relacionamento. A categoria 2 intitula-se “A trajetória da agressão até o amor romântico no relacionamento gay”, e analisa as cenas em que o casal trocou agressões, além de problematizar a construção do amor romântico representado na tela. A categoria 3 chama-se “As práticas sexuais no relacionamento gay” e dá destaque para a representação das práticas sexuais entre os dois personagens.

Quadro 2 - Corpus

Cenas	Diálogo	Conceitos	Categor ia de anális e
-------	---------	-----------	---------------------------------

<p>1 - 01x01</p>	<p>Eric: Oi, Adam. Teve um bom verão? Adam: Calado, Saxopinto. Passa o que tem aí. O que tem na mochila? Eric: Meu almoço. Você sabe, porque sempre o come. Adam: Acho que esqueceu de algo. Eric: É só um estojo. Adam: Não ligo pro seu estojo. O chocolate. Eric: Qual é, cara! O meu chocolate não. Adam: Me dá o chocolate ou quebro a sua cara. Eric: Certo. Adam: Até amanhã. Biscoito de bosta.</p>	<p>Bullying Agressão</p>	<p>2</p>
<p>2 - 01x01</p>	<p>Adam: Atenção, por favor. Tenho algo a dizer. Meu nome é Adam Groff, o diretor Groff é o meu pai. O que é estranho, porque eu sou uma droga no colégio. E este...este é o meu pau. Sim, ele é grande. Mas eu pesquisei e, na verdade, é só um pouco acima da média mundial, dos homens adultos. Então, sim, este sou eu. E este é o meu pau.</p>	<p>Falo Falocentrismo</p>	
<p>3 - 01x03</p>	<p>Lily: Gostaria de transar comigo? Eric: O que está fazendo? E por que está pelada? Lily: Está tudo bem. Eu quero. Eu gostaria de transar. Acho que você é atraente e quero fazer sexo com alguém. Eric: Eu sou gay! Lily: Porra, sério? Eric: Sim, totalmente. Lily: Pode fingir que sou um garoto. Eric: Acho que não. (...) Lily: O que tem aqui? Eric: Nada. Lily: Você se veste de mulher? Eric: Não. Quero dizer, gosto de me vestir, mas não sou trans. Lily: Vamos nos montar. Eric: Sério? Tudo bem.</p>	<p>Sexualidade Gay Gênero</p>	<p>1</p>
<p>4 - 01x06</p>	<p>Adam: O que houve, Saxopinto? Acordou hétero? Está uma merda.</p>	<p>Sexualidade Hétero Performatividade</p>	<p>1</p>
<p>5 - 01x07</p>	<p>Homem dirigindo: Ei, cara, sabe como chego em Ellencot? Estou tentando chegar a um casamento, mas meu GPS me ferrou. Eric: Sei. Sim, está indo na direção certa. É pra lá, cerca de 15 minutos. Vire à esquerda após a escola. Homem dirigindo: Certo. Obrigado, cara. Eric: Suas unhas são poderosas. Homem dirigindo: Obrigado, garoto. Quer um conselho? Aposte nos tons de pedras preciosas.</p>	<p>Performatividade de Identidade Expressão</p>	<p>1</p>
<p>6 - 01x07</p>	<p>Pai de Eric: Eric, espere. Tem certeza que quer entrar assim? Eric: Tenho. Pai de Eric: Tem certeza de que tem certeza? Eric: Sim. Por quê? Qual o problema? Pai de Eric: Espere um pouco, por favor. Quando cheguei neste país, tive que me esforçar para me encaixar. Não</p>	<p>Performatividade de Sexualidade Identidade</p>	<p>1</p>

	<p>queria o mesmo para os meus filhos. Queria que fosse orgulhoso e forte. Mas você é tão diferente... Isso me faz temer por você.</p> <p>Eric: Seu medo não me ajuda, pai, faz eu me sentir fraco.</p> <p>Pai de Eric: Por que precisa ser... tanto?</p> <p>Eric: Este sou eu.</p> <p>Pai de Eric: Não quero que se machuque.</p> <p>Eric: Vou me machucar de qualquer jeito. Não é melhor ser quem eu sou?</p> <p>Pai de Eric: Mandei esperar! Eu gritei com aquele homem.</p> <p>Eric: Sim. Sim, gritou</p> <p>Pai de Eric: Talvez... Eu esteja aprendendo com meu corajoso filho.</p>		
7 - 01x07	<p>Adam: Veio vestido de quê, Saxopinto? Uma Garota?</p> <p>Eric: O que quer, Adam?</p> <p>Adam: Eu vou te matar.</p> <p>Eric: Certo. Vai ser agora, ou mais tarde? Porque estou pronto quando você estiver.</p> <p>Adam: Vou mesmo.</p> <p>Eric: Certo. Então vai ser mais tarde? Ótimo.</p>	Agressão Preconceito Gênero Bullying	2
8 - 01x08	<p>Eric: Você nasceu valentão? Ou só é assim porque seu pai também é? Vi você no baile. Estava morrendo de medo dele. Nem imagino ter medo do meu próprio pai.</p> <p>Adam: Você não sabe de nada Saxopinto. Está fazendo errado, deixa eu tentar.</p> <p>Eric: Não precisa. Adam, não precisa, consigo fazer sozinho.</p> <p>Adam: Só me dá.</p> <p>Eric: Solta. Solta, cara, qual é o seu problema? Sai de cima de mim!</p> <p>Adam: Gostou?</p> <p>Eric: Não.</p> <p>Adam: É. Foi o que pensei.</p> <p>(...)</p> <p>Eric: O que foi isso? Adam, devíamos falar sobre...</p> <p>Adam: Se contar isso para alguém, eu acabo com você, entendeu?</p>	Agressão Sexo Ameaça	3
9 - 02x05	<p>Eric: Preciso te contar uma coisa. Mas não pode ficar bravo por não ter contado antes. Lembra que peguei detenção com o Adam no último semestre? Bem... Ele fez um boquete em mim. E desde que ele voltou, nós temos passeado de madrugada, daí quebramos coisas e depois nos beijamos muito, e é incrível. Por que está fazendo essa cara?</p> <p>Otis: Porque ele fez bullying com você por anos. Eric, ele é uma pessoa horrível.</p> <p>Eric: Mas as pessoas podem mudar.</p> <p>Otis: Se ele mudou, por que faz você se esconder à noite?</p> <p>Eric: Bem, é romântico. Algo que você não saberia, porque está muito ocupado fingindo gostar da sua namorada, quando todos sabem que está apaixonado pela Maeve.</p> <p>(...)</p> <p>Eric: Você não gosta de ser deixado de lado.</p> <p>Otis: Não, Eric, isso se trata de você se odiar tanto que se apaixonaria por alguém que te trata feito lixo.</p> <p>Eric: Não me analise, Otis. Você não sabe qual é a minha realidade.</p>	Bullying Sexo Agressão	2

	Otis: Certo. Faça o que quiser. Mas pergunte a si mesmo...Por que está escondendo isso?		
10 - 02x06	Adam: Parou de ir à janela. Eric: É, parei. Adam: O que fiz de errado? Eric: Você fez bullying comigo por anos, Adam. Fez eu me sentir inseguro por anos. Você foi um dos motivos para eu me maltratar. E devo acreditar que você mudou de repente? Você é cheio de vergonha, cara, e eu não posso mais passar por isso. Tive que me esforçar muito pra me amar, e não voltarei a esconder quem eu sou. Adam: Eu tenho medo. E acho que sou bissexual. Eric: Você está bem? Não consegue nem segurar minha mão. Rahim segura a minha mão. Adam: Sinto que todos me odeiam. Eric: É difícil gostar de alguém que não gosta de si mesmo.	Sexualidade Descoberta Bissexual Bullying	1
11 - 02x08	Adam: Parem! Tenho algo a dizer! Eric Effiong, quero te dizer uma coisa. Eric: Adam, eu estou aqui. O que quer dizer? Adam: Quero segurar a sua mão. Eric: Repete. Adam: Por favor. Você segura a minha mão? Eric: Sim.	Carinho Afeto Namoro	2
12 - 03x01	Eric: O que é isso na sua cara? Otis: É um bigode. Deixei crescer no verão. Alguém andou ocupado demais transando com o novo namorado para reparar. Eric: Eu esperava que fosse uma fase. E eu e o Adam não estamos transando de verdade. Só rola punheta e tal. Otis: Punheta é sexo. A virgindade é um construto. Eric: Sim, eu sei disso! Mas eu realmente quero ir até o fim! O que você quer dizer para mim? Otis: Só acho que precisa ter cuidado. Eric: E você precisa dar uma chance para ele. Otis: Tá, vou tentar.	Sexo Relações sexuais Bullying	3
13 - 03x01	Ola: O que houve hoje? Adam: Não quero que as pessoas pensem que sou um frouxo. Ola: Por estar com um cara? Adam: Ainda sou homem. Ola: Óbvio que ainda é homem. Mas homens não precisam ser violentos e podem namorar outros homens. Precisa dizer ao Eric como se sente. Adam: Eu não sei como fazer isso. Ola: Precisa tentar. Seu frouxo! Adam: Podemos socar o travesseiro primeiro? Ola: Claro. Me dá aqui.	Sexualidade Descobrimto Heteronormati vidade	1
14 - 03x02	Eric: Eu comprei batatinhas, presunto e mais batatinhas. Adam: Viemos para jantar? Eric: Sei lá! É o que fazem nos filmes. Eu queria ser romântico, sabe? Estou meio assustado. Adam: Se não quiser mais... Eric: Não, eu quero. Mesmo! Só estou preocupado que eu não vá saber o que estou fazendo.	Sexo Sexualidade Gay	3

	<p>Adam: Mas eu também não sei. Eric: Relaxa, fiz a chuca antes da aula. O que foi? Adam: Eu não...Isso...Não era isso que eu queria. Eric: Você...Não quer transar comigo. Otis tinha razão. Adam: Otis? Como assim? Eric: Ele disse que você mudaria de ideia. Que ainda não está confortável, que isso seria gay demais para você. Eu entendo que não esteja pronto para contar para a sua mãe, mas se não for se entregar, não dá para mim. E então? Diga alguma coisa! Adam: É que eu não...Não era isso que eu queria. Eric: Ah, não fode! Com licença, por favor sai de cima! Garoto ridículo!</p>		
15 - 03x02	<p>Eric: Sobre o que quer conversar? Adam: Eu... Eric: Adam, está tarde... Adam: Desculpe. Eu quero te falar como me sinto, mas não quero que olhe para mim. Eric: Está bem. Adam: Eu não quero transar com você. Eu quero que você transe comigo. Eric: Eu não estou entendendo, Adam. Adam: Quero que você ponha o pinto em mim. É assim que eu quero fazer. Eric: Pode se virar, por favor? Eu adoraria por meu pinto em você.</p>	Sexo Posições sexuais	3
16 - 03x04	<p>Adam: Olha, desculpa por ter perdido a cabeça. Eric: Eu sei. Eu só não queria que você ficasse com ciúmes. Eu escolhi você. Adam: Eu não quero que a gente se afaste. Porque eu te amo. Eric: Eu também te amo.</p>	Afeto Carinho Amor	2
17 - 03x07	<p>Adam: Não sei se ela vai estar pronta para competir. Isso é tosco, né? Eric: Adam! Já é incrível que tenha se inscrito. Sua mãe vai adorar. Adam: Bem, eu não convidei minha mãe. Eric: Só convidou a mim? Adam: É você quem eu quero lá. Eric: Andei pensando...a gente podia sair juntos. Talvez para um lugar mais gay? Adam: Tipo um bar gay? Eric: É. Ou uma balada gay, ou algo assim. Podemos nos montar. Seria divertido. Adam: Acho que não é a minha praia. Eric: Você gosta quando eu te maquio. Adam: Sim, no meu quarto. Não sei se estou pronto para fazer isso na frente dos outros. Gosto de ficar sozinho com você. Eric: Preciso te contar uma coisa. Eu beijei outra pessoa. Na Nigéria. Adam: Você o quê? Eric: Aconteceu. Me desculpa, Adam. Adam: Preciso dar comida para a Madame...</p>	Sexualidade Expressão Traição Crise	1
18 -	<p>Adam: Acho que podemos fingir que nada aconteceu.</p>	Sexualidade	1

03x08	<p>Eric: Mas algo aconteceu. Eu fiz merda. Das grandes. Adam: Eu consigo superar. Foi só um beijo idiota. Não significou nada. Eu supere... Eric: Acho que não foi só um beijo idiota, Adam. Adam: Você dormiu com esse cara? Eric: Não, não foi o que eu quis dizer. Foi só um beijo, mas não foi idiota. Significou algo. Adam: Não se sente mal? Eric: Sim, me sinto mal. Por ter magoado você. Adam: Mas não voltaria atrás? Eric: Não, acho que não. Foi fácil com ele. Adam: E comigo é difícil. Eric: Sinto que estou pronto para voar, e você ainda está aprendendo a andar. E eu lutei muito para descobrir quem sou, e.. sinto que comecei a me perder. Adam: A gente vai terminar, né? Eric: Acho que é o jeito. Adam: É. Eric: Não é culpa sua. Só estamos em momentos diferentes. Podemos continuar conversando? Adam: Eu não tenho mais o que dizer.</p>	Vivência Autoaceitação Separação	
19 - 03x08	<p>Adam: Um garoto de quem não gosto me mandou escrever de coração. Eu não sabia como fazer, porque nem sabia que tinha um. Eu nem sabia que tinha coração até saber que você beijou outro. Aí eu tive certeza, porque pensei que ele ia parar. Quando pensei que meu coração podia parar, eu soube que ele sempre existiu. Mas ele não sabia bater até eu sentir que perderia você. Eu sabia que não seríamos para sempre. Eu já esperava por este dia. Mas eu espero que possamos nos acertar. E, se não for possível, eu sempre serei grato a você por me apresentar meu coração.</p>	Amor Afeto	2

Fonte: Autor.

Tendo em vista as temáticas mais abordadas pela série, a categoria 1 chamada “A descoberta e vivência da sexualidade através do relacionamento gay” possui uma maior quantidade de material e uma profundidade expressiva na análise. Por outro lado, a categoria 3 intitulada “As práticas sexuais no relacionamento gay” possui um número menor de cenas, e por isso uma análise mais enxuta.

4.4 A descoberta e vivência da sexualidade através do relacionamento gay

Neste subcapítulo, discutimos como a descoberta e a vivência da sexualidade de cada membro do casal é representada na tela. Por essa razão, focamos nas cenas em que as sexualidades do Adam e do Eric são pauta do diálogo. Vamos analisar as cenas 3, 4, 5, 6, 10, 13, 17 e 18.

Eric e Lily fazem parte da banda da escola. Na cena 3, Eric convidou Lily para ensaiar as músicas na casa dele. Chegando lá, Lily tinha a intenção de transar com o Eric, porém ele não aceita ter relações sexuais por se declarar gay. Após a negativa, eles seguem tendo uma conversa cotidiana até que Lily encontra roupas convencionalizadas socialmente como femininas no guarda-roupa de Eric, e o questiona se ele se veste de mulher. Em um primeiro momento ele nega, porém depois ele assume que gosta de usar esse tipo de peça. Na próxima cena os dois “se montam” com as roupas que o Eric tem no guarda-roupa.

Figura 4 - Cena 3



Fonte: Netflix - 01x03.

Na cena 4, Eric está chegando na escola com roupas de cores sóbrias e escuras, algo que ele não costuma fazer. O motivo para isso é que ele sofreu um ataque homofóbico nas cenas anteriores, por isso não se sente mais confortável utilizando peças fora do padrão hegemônico da masculinidade. Chegando na escola, o Adam pergunta se o Eric virou hétero, levando em consideração a sua mudança na aparência.

Tanto na cena 3 quanto na cena 4, vemos a performatividade de gênero explicada por Butler (2013) agindo sob a representação do Eric. Quando Eric utiliza roupas e uma estética que pertence ao que convencionalizamos como feminino, ele é compreendido enquanto mulher, ou pelo menos enquanto homossexual afeminado.

Tal conclusão fica evidente na fala de Lily quando a personagem o questiona ao ver seu guarda-roupa: “Você se veste de mulher?”. No entanto, no momento em que o Eric surge com roupas mais sóbrias e simples, ele é imediatamente decodificado enquanto homem heterossexual pelo Adam, pois a roupa classifica a sua sexualidade e gênero aos olhos dos outros personagens. Segundo Louro (2018) as peças de roupa ajudam na classificação desse “outro” (homossexual), pois servem de marca definidora da identidade dos sujeitos. Nesse contexto, Eric desestabiliza o binarismo homem/mulher quando diz para Lily que gosta de se vestir com roupas femininas, mas que não se identifica como mulher. Portanto, Eric tem uma performatividade de gênero *camp*²², pois assim como define SILVA (2015), a performatividade *camp* possui um comportamento e estética associados aos gays rotulados como “bichas” por subverterem a norma e flertarem com elementos pertencentes ao universo construído como feminino.

Outro ponto que é interessante destacar, é que, na cena 3, Eric utiliza roupas associadas ao universo masculino, por entender que assim ele não sofreria mais ataques de cunho homofóbico. Isso pode nos mostrar o quanto a heteronormatividade (MISKOLCI, 2009) influenciou essa escolha do personagem, já que a heteronormatividade tem a capacidade de patologizar performatividades que fogem do caráter normativo, sendo assim ao se aproximar da “normalidade”, Eric estaria imune a discriminação e preconceito.

Na cena 5, Eric ainda está vestindo roupas sóbrias e simples, por causa do ataque homofóbico citado anteriormente. No entanto, o personagem encontra um homem negro desconhecido que está dirigindo um carro e pede informações. O homem está com as unhas pintadas e veste uma roupa parecida com as que o Eric vestia. A cena continua, Eric dá as informações e elogia as unhas do homem desconhecido. Na cena 6, Eric está indo ao baile da escola, vestindo roupas brilhosas e extravagantes e usando maquiagem. Seu pai o questiona do motivo para ele se vestir assim, já que ele enfrentará mais resistências da sociedade. Eric responde que quando se veste desse jeito se sente ele mesmo.

Figura 5 - Cena 6

²² Termo utilizado para se referir às performatividades que fogem do binarismo masculino/feminino. Usamos o trabalho de Fernanda Nascimento da Silva de 2015 como referência para a utilização do termo.



Fonte: Netflix - 01x07.

As cenas 5 e 6 trazem a utilização de significantes, como roupas e gestos para a construção da identidade sexual gay, algo que Woodward (2014) já tinha descrito como sistemas simbólicos que são usados para marcar a diferença na hora de representar uma minoria social. Sendo assim, é interessante perceber o quanto a construção da identidade gay está atrelada a marcação da diferença entre o gay e o hétero, como diz Weeks (2018). Na série essa diferença está representada através das roupas do Eric, e por isso a narrativa utiliza as roupas para ora fortalecer a identidade sexual do personagem, ora enfraquecer, dependendo do objetivo da trama. Essa ferramenta pode tanto tensionar o binarismo homem/mulher a partir da performatividade *camp* do Eric, quanto perpetuar a ideia de que determinadas roupas e gestos pertencem ao grupo heterossexual, enquanto outras peças e itens pertencem ao grupo dos LGBTQIAP+ (LOURO, 2018). Em contrapartida, as cenas também exibem o caráter orgânico e fluido da identidade (SILVA, 2014), já que mostram que a identidade gay não possui uma estrutura fixa na sua representação.

A cena 10 apresenta a sexualidade do Adam. Após ele ter relações sexuais com o Eric, ele assume que acredita ser bissexual. Na cena 13, Adam diz para a Ola que não quer ser visto como “frouxo” por estar se relacionando com um homem, já que ele começa a sofrer piadas na escola por causa do namoro com Eric. Na cena 17, o Adam não aceita sair para bares e boates gays com o Eric, por afirmar que prefere que o relacionamento deles fique no ambiente privado. E por último, na cena 18 o Eric termina o namoro com o Adam, já que percebe que quer vivenciar a sua

sexualidade na sua totalidade, enquanto o Adam ainda está iniciando a sua autodescoberta.

Figura 6 - Cena 10



Fonte: Netflix - 02x06.

As cenas 10, 13, 17 e 18 mostram como a heteronormatividade citada por Miskolci (2009) influencia na visão que o Adam possui sobre a sua própria sexualidade. Em todas as cenas ele admite ter dificuldade em expressar seu sentimento em lugares públicos por ter medo de ser reconhecido como “frouxo”. Neste momento, entendemos que o termo “frouxo” foi utilizado no sentido de fragilidade e fraqueza com relação a masculinidade do personagem. Sendo assim, existe a ideia de que ao se relacionar com outros homens, Adam deixaria de ser um homem para se tornar uma mulher, isso é reiterado na cena 13 quando ele diz: “Ainda sou homem”. Podemos entender que a heteronormatividade cerca o Adam, pois ele está sempre preocupado em performar atitudes, gestos e falas que condizem com a masculinidade construída socialmente e culturalmente. Nesse sentido, Adam também acredita que “frouxo” é algo que faz parte da identidade gay, e que por isso ele estaria mais próximo desse adjetivo quando está em um relacionamento homossexual.

No momento de analisar como as sexualidades de ambos os personagens são construídas através das suas representações, percebe-se a

heteronormatividade (MISKOLCI, 2009) agindo na performatividade de gênero de Adam e Eric. Sendo assim, Eric é construído como a “mulher” do relacionamento, adquirindo características do universo construído como feminino nas suas roupas e gestos, e Adam ocupa o lugar de “homem” do relacionamento, sendo mais discreto na hora de mostrar carinho e utilizando marcas do universo dito masculino e heterossexual. Além disso, podemos questionar, em diálogo com Hall (2016), se não existe um processo de estereotipagem ou reducionismo em ambas as representações, pois o Eric herda algumas características que a sociedade entende como pertencentes à identidade gay, como a feminilidade. Por outro lado, o Adam não tem a sua sexualidade muito aprofundada na série até o momento desta análise, o que acaba deixando o personagem com uma representação que mais se aproxima da homossexualidade do que da bissexualidade, o que pode invisibilizar a sua verdadeira orientação sexual (ITUASSU, 2016).

A partir da análise da performatividade de Adam e Eric, podemos entender que a série *Sex Education* mantém um padrão heteronormativo na representação do casal, o que acaba aproximando os papéis exercidos pelos personagens dos casais héteros. A consequência dessa representação é que a vivência das sexualidades dos personagens se torna uma réplica das vivências da sexualidade hegemônica (heterossexual), invisibilizando as questões e demandas específicas das sexualidade não normativas (homossexual e bissexual) dentro de uma relação gay.

4.5 A trajetória da agressão até o amor romântico no relacionamento gay

Neste subcapítulo, apresentamos como o relacionamento do Adam e Eric traz uma trajetória que vai da agressão/homofobia para o amor romântico. Por conta disso, selecionamos as cenas 1, 7, 9, 11, 16 e 19 para a análise. As cenas apresentam principalmente diálogos entre os dois, além de uma conversa específica entre o Eric e o Otis.

A cena 1 contém a primeira interação de Adam e Eric na série. Nesse sentido, traz o Eric sofrendo agressão física e verbal de Adam, que o chama de “Saxopinto”. A cena 7 se passa no dia do baile da escola onde o Eric está vestindo uma roupa extravagante e usando maquiagem, por isso o Adam pergunta se o Eric está vestido de mulher e o ameaça de morte. Na cena 9, Eric conta para Otis que está mantendo

um relacionamento amoroso secreto com Adam, e Otis o repreende levando em conta o histórico homofóbico e agressivo do Adam.

Figura 7 - Cena 1



Fonte: Netflix - 01x01.

As cenas 1, 7 e 9 apresentam a homofobia que o Adam exercia com relação ao Eric. Essa discriminação se traduzia em ataques físicos, xingamentos e ameaças constantes. Como afirma Louro (2018) esse conjunto de práticas servem para reiterar a “heterossexualidade” de Adam, a partir da rejeição de forma explícita e violenta à homossexualidade de Eric. Na cena 7, o Adam ameaça o Eric por causa da sua performatividade *camp*, o que Butler (2013) destaca como a regulação e punitivismo que ocorre quando a performatividade escapa da norma hegemônica. A própria série problematiza as atitudes de Adam, justificando os seus ataques com base em uma sexualidade reprimida e educação influenciada por uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2013). Portanto, a trama explica a homofobia de Adam a partir da sua vontade escondida de ter a autoconfiança que o Eric possui com relação à própria sexualidade. Esse é um argumento interessante, pois assim entenderíamos que na verdade Eric é tudo aquilo que o Adam quer ser. Entretanto, é importante salientarmos que tal justificativa pode reforçar a crença hegemônica de que por trás de todo o homofóbico, existe um homossexual escondido.

Na cena 11, Adam surge no meio da apresentação de um musical da escola para dizer que “segura a mão” de Eric, demonstrando afeto e o pedindo em namoro. A cena 16 exhibe a reconciliação de Adam e Eric depois de uma briga. É o primeiro momento em que ambos dizem “eu te amo” na tela. A cena 19 é a leitura em *off*²³ do poema que o Adam escreve para o Eric após o término do relacionamento.

Figura 8 - Cena 11



Fonte: Netflix - 02x08.

As cenas 11, 16 e 19 apresentam o afeto e o amor que é construído entre os personagens durante a série. Entretanto, a trajetória do sentimento de raiva e das agressões para o sentimento de afeto acontece a partir de uma ideia de amor romântico. Neves (2007) diz que o amor romântico se constrói através dos papéis de gênero, por isso, segundo a autora, historicamente mulheres costumam tolerar agressões e violências em prol dessa idealização de amor. Podemos fazer um paralelo com o Adam e Eric, pois como o Eric desempenha um papel dito “feminino” dentro do relacionamento, ele perdoa facilmente as agressões que sofreu do Adam ao longo dos primeiros episódios e concorda em manter o relacionamento em segredo em um primeiro momento. Além disso, o personagem ainda acha romântico o caráter privado da relação, como comprova o diálogo da cena 9, quando Otis

²³ Expressão utilizada para dizer que determinado texto foi interpretado sem aparecer o intérprete falando.

pergunta: “Se ele mudou, por que faz você se esconder à noite?” e Eric responde: “Bem, é romântico”.

Na mesma lógica, Louro (2018) diz que a demonstração de carinho e afeto é algo geralmente associado às mulheres, enquanto a frieza é ligada aos homens - principalmente por causa da cultura que não permite que o homem demonstre fragilidades. Essa ideia é reforçada na série quando vemos o gay afeminado afetuoso e amoroso, e o auto-afirmado bissexual masculinizado distante e frio. Além disso, o amor romântico também é legitimado na trama, pois assim como argumenta Toledo (2013) existe uma relativização do sofrimento do Eric e uma romantização da história dos dois.

Outro ponto importante é o fato de que o Eric é um jovem preto. Apesar da nossa pesquisa ter um foco no marcador da sexualidade, o marcador racial não pode ser totalmente ignorado. Por isso, seguindo o conceito de interseccionalidade de Berth (2019) a permissividade do Eric com relação aos ataques homofóbicos de Adam, e a sua facilidade em iniciar um relacionamento amoroso com seu antigo agressor podem estar ligados ao fato do homem bissexual branco possuir um lugar de poder dentro de um relacionamento interracial em uma sociedade culturalmente e historicamente racista.

Nesse contexto, a série normaliza e encanta o público com os “obstáculos” que o casal teve que superar para se manter junto, e ainda dá destaque para as demonstrações exacerbadas e espetaculares de amor, como no momento em que Adam interrompe o musical para pedir o Eric em namoro, ou na cena 19 quando o Adam cria um poema romântico e triste para falar do término do casal, afirmando que ele não sabia que tinha coração até sentir que perderia o Eric. Enquanto produto cultural, a representação amorosa do relacionamento de Adam e Eric tem um potencial de manutenção desse amor romântico capaz de superar homofobias, modificar o comportamento das pessoas e complementar a existência dos parceiros. Apesar de Toledo (2013) e Neves (2007) debaterem o amor romântico sob uma perspectiva heterossexual, a série *Sex Education* nos permite analisar a representação de um relacionamento gay que segue os mesmos padrões de amor romântico, pois foi provavelmente influenciado pela visão heteronormativa que incide nos diferentes casais independente das sexualidades, gêneros e formações, seja no plano ficcional ou no plano real.

4.6 As práticas sexuais no relacionamento gay

Agora discutimos como o relacionamento entre Adam e Eric é atravessado pelo sexo e suas práticas/posições sexuais. Nesse contexto, focamos nas cenas 2, 8, 12, 14 e 15, pois são os momentos em que os personagens conversam sobre sexo ou de fato o fazem durante a série.

A cena 2 traz o momento em que o Adam exhibe o seu pênis para toda a escola, após circular muitos rumores sobre o tamanho do seu órgão genital. Na cena 8, Eric e Adam estão de castigo, por isso precisam organizar uma sala de aula que está cheia de cadeiras. Eric começa a fazer o trabalho, enquanto Adam apenas o assiste. Os dois começam a conversar sobre a relação do Adam com o pai até que Adam se irrita e eles têm um confronto. Eric cuspe em Adam e logo depois Adam faz o mesmo no rosto de Eric. Em seguida, Adam o beija e faz sexo oral em Eric.

Na cena 12, Eric e Otis estão andando de bicicleta e conversando sobre o namoro de Eric com Adam. Otis diz que os dois devem estar transando e Eric o adverte dizendo que eles estão apenas se masturbando e ainda não fizeram penetração. Na cena 14, Adam e Eric combinam de fazer sexo com penetração ao ar livre em uma floresta. Chegando lá, Eric dá a entender que seria o “passivo”²⁴ do sexo, e Adam acaba desistindo da relação sexual sem dizer o motivo, por isso os dois se desentendem e Eric vai embora. Na cena 15, Adam vai até a casa de Eric porque quer conversar sobre o ocorrido. Lá, ele conta sem olhar para o rosto de Eric que quer ser o “passivo” da prática sexual. Eric fica feliz por Adam ter contado essa informação e os dois finalmente transam com penetração.

Figura 9 - Cena 15

²⁴ Dentro de uma relação gay, o “passivo” é o homem que é penetrado através do ânus. Em contrapartida, o “ativo” é o homem que penetra o seu parceiro.



Fonte: Netflix - 03x02.

A cena 2 traz o tamanho do pênis do Adam enquanto um dos principais elementos que constituem o personagem, inclusive essa informação é reiterada em diferentes momentos da série. Portanto, pode-se perceber o quanto o falocentrismo (BUTLER, 2013) está atravessado na performatividade do Adam, algo que se conecta com a heteronormatividade do personagem que constantemente reafirma a sua masculinidade. As cenas 8, 12, 14 e 15 trazem as práticas sexuais como tabus do relacionamento. Na cena 8, vemos que o sexo dos dois começou a partir de um gatilho de raiva e agressão, já que ocorre logo após um confronto físico. Já as cenas 12, 14 e 15 exibem a dificuldade que o casal teve para praticar outros atos sexuais que fossem além da masturbação. É interessante perceber o quanto o falocentrismo permeia as práticas sexuais do casal, já que na cena 12, o Eric diz: “E eu e o Adam não estamos transando de verdade. Só rola punheta e tal”. A afirmativa nos mostra o quanto a penetração anal é compreendida como o “sexo de verdade” pelo personagem, reforçando a importância do falo (pênis) nas trocas dos casais, crença que está presente também nas relações heterossexuais (BUTLER, 2013).

A performatividade do Adam é tão ligada ao falo que na cena 15, o personagem mostra a dificuldade que tem para dizer que quer ser “passivo” na prática sexual de penetração anal. Fazendo um paralelo, Weeks (2018) diz que historicamente o lugar de passividade dentro de uma relação homossexual tem menor valor e respeito na sociedade desde a Roma Antiga. Além disso, levando em conta a heteronormatividade que atravessa a representação do Adam, é

compreensível que ele tenha dificuldade de assumir que quer desempenhar um papel de vulnerabilidade, pois é um lugar que desafia a masculinidade introjetada no comportamento do personagem (LOURO, 2018).

Nesse contexto, é interessante perceber a quebra de representações dominantes que a série propõe nessas cenas, quando reserva o lugar do “passivo” para o personagem que tem a performatividade heteronormativa, e o lugar do “ativo” para o personagem que tem a performatividade *camp*. Além disso, nas práticas sexuais do casal, o Adam foi o primeiro a entrar em contato com o pênis do Eric através do sexo oral, o que também surpreende o espectador, já que o personagem contrariou a sua performatividade quando foi ao encontro do falo. Entretanto, a quebra de representações que a série propõe com a subversão das práticas sexuais do casal é passível de questionamentos e problemáticas. Apesar da nossa pesquisa não dar conta do marcador racial dentro desse relacionamento, refletimos com base em alguns autores²⁵ que o espaço sexual do homem negro, mesmo quando é gay e afeminado, se constrói em um lugar de virilidade e alta performance sexual. Sendo assim, quando a série representa um homem gay negro afeminado sendo o ativo na prática de penetração, ela subverte uma lógica dominante de gênero, porém faz a manutenção de uma antiga lógica racial e escravocrata que coloca os negros enquanto sexuais e viris.

Diferente das demais categorias, o sexo do casal possui pouco espaço dentro da trama, por essa razão há uma quantidade menor de cenas para análise. Entretanto, é interessante perceber o quanto a série se distancia de outros produtos midiáticos que representam relacionamentos gays, no momento em que opta por dar menos ênfase para o sexo, e mais destaque para a construção amorosa do casal.

4.7 Adam e Eric: a interação entre todas as esferas do relacionamento

Na última seção da análise, discutimos como as diferentes esferas do relacionamento de Adam e Eric interagem para produzir a representação do casal. Sendo assim, ressaltamos os objetivos específicos da pesquisa para concluir a análise e apresentar os resultados. A seguir está uma ilustração que conecta as três categorias analisadas: a descoberta e vivência da sexualidade através do

²⁵ Indicamos a leitura de Raewyn Connell para quem deseja aprofundar o debate sobre as masculinidades, e principalmente sobre a construção da masculinidade do homem negro.

relacionamento gay; a trajetória da agressão até o amor romântico no relacionamento gay; e as práticas sexuais no relacionamento gay.

Figura 10 - Categorias em interação



Fonte: autor.

Os objetivos específicos da pesquisa são: 1) Identificar as cenas que apresentam as sexualidades dos personagens através do seu relacionamento; 2) Analisar a performatividade dos personagens com relação a sua sexualidade e gênero dentro do relacionamento; e 3) Discutir como essas representações são construídas para entender se exercem padronizações e estereótipos.

Nesse contexto, como discutido nos subcapítulos anteriores, a representação do casal perpetua papéis de gênero heteronormativos dentro do relacionamento (BUTLER, 2013). Por conta disso, vemos Eric se comportando e ocupando um lugar feminino a partir da sua performatividade *camp*, e Adam desempenhando um papel masculino através da sua performatividade heteronormativa. Essas performatividades são utilizadas para produzir uma representação romântica de amor (NEVES, 2007), tendo em vista que o amor retratado nos produtos midiáticos, seja ele hétero ou não, é diretamente influenciado pela heteronormatividade (MISKOLCI, 2009) que rege a sociedade contemporânea. Por isso, concluímos que a representação do casal exerce padronizações no que se refere a construção de relacionamentos românticos baseados numa lógica heterossexual. Contudo, o sexo e as práticas sexuais do casal surpreendem o espectador por não seguirem a mesma

ideia, pois descontroem a heteronormatividade quando representam um bissexual masculinizado como passivo sexualmente, assumindo assim “fragilidades” que contrariam a performatividade do próprio personagem, além de o Adam, mesmo com receio, ceder ao desejo sendo o primeiro a se relacionar com o falo, no momento em que faz sexo oral em Eric na primeira relação sexual dos dois.

Sobre a manutenção ou produção de estereótipos, concluímos que a identidade gay (SILVA, 2014) representada por Eric é ambígua, pois a sua performatividade *camp* colabora para a construção de uma identidade orgânica e transgressora no que se refere às performatividades normativas (SILVA, 2015), além de ser uma representação imbuída de posicionamento político (WEEKS, 2018). No entanto, a representação de Eric é também articulada na trama para reforçar o papel feminino que o personagem tem dentro do relacionamento, através de marcas como roupas e gestos que podem perpetuar o estereótipo simplista e superficial do homossexual enquanto “uma mulher” (LOURO, 2018). Já a identidade bissexual de Adam é pouco explorada pela trama, o que pode dar espaço para o público decodificá-lo enquanto homossexual, o que invisibilizaria a verdadeira sexualidade do personagem (HALL, 2016).

A partir das conclusões acima, percebe-se que a representação do relacionamento entre Adam e Eric é contraditória e complexa, pois por um lado a série faz a manutenção de antigos modelos de casais, como é o caso da construção do amor romântico heterossexual que norteia a relação dos dois. Entretanto, por outro lado, a produção quebra algumas representações dominantes, principalmente com relação ao sexo e práticas sexuais do casal, porém isso é algo menos abordado na trama, pois a série dá mais espaço para as agressões de Adam e sua dificuldade em assumir o namoro.

De forma geral, a série é vanguardista por representar a vivência da sexualidade e namoro no período da juventude e no ambiente escolar. Outro ponto que merece destaque é a notoriedade, profundidade e espaço na narrativa que o casal tem, o que por si só já indica um movimento interessante e positivo sobre as representações de pessoas LGBTQIAP+ em produtos midiáticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise feita sobre o relacionamento de Adam e Eric, podemos perceber o quanto a relação entre dois homens ainda têm uma representação complexa nos produtos midiáticos. A própria história de *Sex Education* problematiza alguns pontos do casal, como a nocividade de uma relação iniciada a partir de agressões, algo destacado por Otis na cena 9, além do mesmo personagem desconstruir algumas ideias antigas sobre práticas sexuais e sexualidades, como por exemplo na conversa com o Eric na cena 12.

Um ponto interessante é que o Eric termina o relacionamento por causa da dificuldade que o Adam tem para assumir o namoro em todos os espaços públicos, porém a homofobia vivenciada na primeira temporada é totalmente esquecida pelo personagem no final da terceira temporada. Sendo assim, a série acaba por justificar a existência do relacionamento a partir do amor romântico, ou melhor amor fati (NEVES, 2007), que entende o amor enquanto um destino final para ser alcançado e eternizado. Além disso, o próprio arco de “superação” que desenvolve o Adam é representado de forma rápida, fazendo com que em poucos episódios, o personagem passasse de um homofóbico declarado para um bissexual assumido que namora outro homem.

Uma questão que vale a pena levantarmos é: por que a Netflix decidiu que um dos pares do seu principal casal gay em *Sex Education* fosse um bissexual enrustido e homofóbico? A escolha editorial da empresa pode ajudar na perpetuação da ideia de que homofóbicos são sempre enrustidos, o que não é verdade, mas é uma crença social muito presente no contexto contemporâneo. Sob outra perspectiva: por que o Eric foi escolhido para viver esse amor? Por que escolher um homem preto que pertence a uma família de origem nigeriana, com alta carga religiosa e com uma performatividade *camp* para esse relacionamento?

Os questionamentos trazidos acima, tensionam a intenção da Netflix na criação dos personagens. Por vezes, me parece que a empresa se preocupa tanto com a diversidade que acaba se atrapalhando no meio de tantas camadas de vivências e personalidades que reúne em seus personagens. Sendo assim, como disse Moscovici (2000), a representação mostra os limites e possibilidades das vivências dos sujeitos na sua vida particular, por isso, até que ponto esse relacionamento pode ser visto como referência de relação para outros gays e

bissexuais que estão assistindo? Além disso, essa representação que se origina problemática se distancia de uma representação mais saudável e talvez condizente com a realidade da maioria dos LGBTQIAP+ assumidos. Embora *Sex Education* seja um produto midiático e cultural muito progressista no que se refere a temática e personagens - assim como destacamos na introdução - a série acaba reproduzindo antigos modelos, crenças e comportamentos presentes na nossa sociedade heteronormativa e culturalmente LGBTfóbica. De forma complementar, lembro que a série ainda está em exibição, logo o nosso trabalho é uma análise das três primeiras temporadas, por isso é importante destacar que as próximas temporadas podem conter mudanças nos pontos observados e discutidos durante a pesquisa.

Retomando o problema escolhido para esta pesquisa: como *Sex Education* constrói a representação midiática dos relacionamentos gays juvenis? Concluímos que solucionamos o problema, pois entendemos que a série *Sex Education* utiliza modelos heterossexuais de casais para construir a representação midiática do relacionamento gay juvenil. A partir do nosso objetivo geral, analisar como a representação do relacionamento gay entre Adam e Eric é construída a partir das suas performatividades na série, percebemos que a série acaba sendo vanguardista na sua representação no que se refere às práticas sexuais, mas conservadora e problemática no que se refere a construção do amor e papéis de gênero dentro de um relacionamento gay. Em relação aos objetivos específicos, identificar as cenas que apresentam as sexualidades dos personagens através do seu relacionamento; identificar as dimensões da performatividade através da análise do relacionamento dos personagens; e discutir como essas representações são construídas para entender se exercem padronizações e estereótipos, destacamos que a performatividade *camp* de Eric foi acionada para posicionar esse personagem enquanto feminino dentro do relacionamento, enquanto a performatividade heteronormativa de Adam foi acionada para fortalecer o seu papel masculino na lógica do casal, além de a representação de Eric ser ambígua no que se refere aos estereótipos gays e a representação de Adam ter o potencial de invisibilizar a sua bissexualidade.

Para finalizar o trabalho, reitero que os resultados aqui apresentados partem de uma análise restrita de um produto audiovisual. Portanto, analisamos apenas os diálogos das cenas selecionadas, tendo em vista o tempo disponível para desenvolver o trabalho. No entanto, entendemos que a análise de um produto

audiovisual também pode levar em conta outros elementos, como enquadramento, direção de arte, iluminação, e principalmente trilha sonora, além de outras técnicas que ajudam a compor a representação de um personagem em uma série. Como o foco desta pesquisa está na construção do relacionamento como um todo, também tivemos que fazer alguns recortes no aparato teórico utilizado para dar conta das principais esferas do relacionamento.

Outro ponto que destaco é a relevância desta pesquisa para a minha formação, pois enquanto publicitário é extremamente importante que eu esteja ciente do potencial das representações midiáticas nas peças publicitárias que eu venha a produzir no futuro. Frente a isso, espero que essa pesquisa sirva de referência para futuros trabalhos que tematizam relacionamentos de pessoas LGBTQIAP+ e suas representações. Enquanto um sujeito que pertence a essa comunidade, a pesquisa tem um caráter ainda mais pessoal por me permitir identificar como os meus pares estão sendo representados nos novos produtos culturais/midiáticos, para que no futuro possamos produzir representações cada vez mais verossímeis e que de fato tenham a representatividade das minorias sociais enquanto premissa.

Para as sugestões de novos trabalhos e pesquisas acadêmicas, indicamos um estudo aprofundado sobre como o marcador racial incide na representação do relacionamento de Adam e Eric: quais são as particularidades de um relacionamento interracial gay? Além disso, também sugerimos uma análise que leve em consideração outros componentes da série como enquadramento, trilha sonora, iluminação, etc. Outra sugestão é a análise dos demais casais com sexualidades não normativas presentes em *Sex Education*, como casais lésbicos por exemplo. Pensando a partir dos conceitos de consumo e recepção, também indicamos pesquisas focadas na recepção dos LGBTQIAP+ jovens com relação a série, para entender qual é a percepção desses sujeitos sobre as representações propostas. Por fim, sugerimos estudos focados na comparação entre *Sex Education* e outros produtos midiáticos que representam relacionamentos amorosos de sexualidades não normativas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Patrícia Candido. **Fazendo o paraíso na Terra**: análise da construção do romance lésbico entre Yorkie e Kelly no episódio de San Junípero, da série Black Mirror. In: Lume - UFRGS, Porto Alegre, RS, 2019. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/211983>> Acesso em: 1 de novembro de 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2013.
- DUVEEN, Gerard. **Introdução**: o poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. 8ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p. 7-28.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2014, p. 133-166.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Idéias e Letras, 2004, p.13-26.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2008.
- HALL, Stuart. Codificação/decodificação. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.103-133.
- ITUASSU, Arthur. Prefácio: Hall, comunicação e a política do real. In: HALL, Stuart. **Cultura e Representação**, Rio de Janeiro, 2016, p. 9-15.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 07-42.
- MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, Porto Alegre, jun. 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. 8ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 609-627, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>> Acesso em: 15 agosto de 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

ROSE, Diana. **Análise de imagens em movimento**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, Marta Oliveira. **Me Representa ou não me representa**: Percepções de um público LGB sobre as representações das homossexualidades na publicidade da TV aberta brasileira. In: Intercom - 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, Novo Hamburgo, RS. Anais, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2585-1.pdf>> Acesso: 10 de agosto de 2021.

SILVA, Marcel Vieira Barreto. **Cultura das séries**: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. In: Galaxia. São Paulo: PUC-SP, n. 27, p. 241-252, jun. 2014. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/15810>> Acesso em: 22 de maio de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org); ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JOHNSON, Richard; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2014

SILVA, Fernanda Nascimento da. **Bicha (nem tão) má**: representações da homossexualidade da novela Amor à Vida. In: Repositório da PUCRS, Porto Alegre, RS, 2015. Disponível em <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7112>> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

SILVEIRA, Andielli. **O B não é pra bonito**: uma análise das representações midiáticas da bissexualidade feminina em Orange is the New Black. In: Lume - UFRGS, Porto Alegre, RS, 2019. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/211993>> Acesso em: 1 de novembro de 2020.

SPIERING, Lucas Alves. **A publicidade aliada às questões LGBTQIA+**: uma análise do fluxo publicitário da Skol na campanha #marcasaliadas. In: Lume - UFRGS, Porto Alegre, RS, 2019. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/211968>> Acesso em: 10 de agosto de 2021.

TOLEDO, Maria Thereza. **Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade**: do Romantismo aos padrões de Cultura de Massa. Revista Mídia e Cotidiano, Niterói, v. 13, n. 2, p. 201-218, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9687/6812>> Acesso em: 15 agosto de 2021.

TOMAZETTI, Tainan Pauli. **Por um mapa das dissidências**: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação no Brasil (1972-2015). In: Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, SP, 2020. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3472>> Acesso em: 25 de outubro de 2021.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 43-104.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p.07-73.